

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO MARIA ELISA DE ALBURQUERQUE MAIA – CAMEAM
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

ROUSE MARRY BALBINO DO NASCIMENTO

**ANÁFORA ENCAPSULADORA NA PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO ARTIGO
DE OPINIÃO**

PAU DOS FERROS

2015

ROUSE MARRY BALBINO DO NASCIMENTO

**ANÁFORA ENCAPSULADORA NA PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO ARTIGO
DE OPINIÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado profissional - PROFLETRAS), na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

**PAU DOS FERROS
2015**

Catálogo da Publicação na Fonte
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Nascimento, Rouse Marry Balbino do.

Anáfora encapsuladora na produção textual do gênero artigo de opinião / Rouse Marry Balbino do Nascimento. – Pau dos Ferros, RN, 2015.

72 f.

Orientador (a): Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Programa Mestrado Profissional em Letras.

1. Anáfora encapsuladora – Dissertação. 2. Produção textual – Dissertação. 3 Artigo de opinião – Dissertação. I. Pontes, Antônio Luciano. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/SIB

CDD 370.7

ROUSE MARRY BALBINO DO NASCIMENTO

**ANÁFORA ENCAPSULADORA
NA PRODUÇÃO TEXTUAL DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/ *Campus* Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes - Presidente
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

Prof. Dr. Samuel de Carvalho Lima - Examinador externo
Instituto federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dra. Maria Eliete de Queiroz – Examinadora Interna
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

Prof. Dra. Débora Maria do Nascimento (Suplente)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN

A Deus, pela benção de existir.
A minha família, meu alicerce.
A meus filhos, Vitor e Pedro,
razão de minha existência.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, campus de Pau dos Ferros, pelo acolhimento e receptividade.

Ao meu orientador, pela valiosa e competente orientação, valorização de minhas experiências e incentivo nos momentos de dificuldades.

Aos professores, pelos valiosos ensinamentos e pela troca de experiência que me levou a refletir e construir novos conhecimentos. Em especial, aos professores Marcos Nonato e Constantin Xypas, pelas significativas contribuições decorrentes do exame de qualificação.

Aos colegas do Mestrado, grandes companheiros com suas palavras otimistas de apoio tornaram possível à consolidação deste sonho, especialmente, a Maria do Socorro Nobre e Jarina Barbosa.

A meus familiares e amigos, que sempre estiveram presentes nos momentos em que sozinha não conseguiria vencer as barreiras de me tornar uma profissional não só experiente, mas também competente e conhecedora das teorias que hoje norteiam minha prática.

À CAPES, pelo incentivo financeiro, sem o qual não poderia ter concretizado o objetivo maior do curso, ou seja, me tornar Mestre.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Exemplo de introdução de referente ancorada	21
DIAGRAMA 1: Estratégias de referenciação	22
DIAGRAMA 2: Categorias do gênero artigo de opinião	40

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADRO 1: Tipos de anáforas	25
QUADRO 2: Subdivisão das anáforas encapsuladoras	29
QUADRO 3: Agrupamento dos gêneros textuais	37
QUADRO 4: Estrutura composicional do gênero artigo de opinião	38
QUADRO 5: Funções discursivas dos encapsulamentos anafóricos	50
QUADRO 6: Estrutura composicional do gênero artigo de opinião	61
QUADRO 7: Funções e subfunções discursivas das anáforas encapsuladoras ..	62
GRÁFICO 1: Distribuição das ocorrências das anáforas encapsuladoras presentes nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano Ensino Fundamental	47

RESUMO

Partindo do princípio de que a referenciação é um processo construído no discurso, no qual os referentes se constituem como objetos do mesmo, este trabalho analisa a anáfora encapsuladora na produção textual do artigo de opinião, produzido no contexto escolar. Tendo como arcabouço teórico Cavalcante (2003), classificamos as ocorrências dos tipos de anáforas encapsuladoras, partindo de Koch e Elias (2006), apontamos as estratégias de referenciação, a partir dos estudos de Bakhtin (1997), descrevemos o gênero artigo de opinião e, finalmente, a partir de Conte (2003) e de Ciulla e Silva (2008) descrevemos as funções discursivas dos encapsulamentos. Seguindo estes postulados, buscamos demonstrar as funções discursivas desempenhadas por estes referentes na dinâmica discursiva do gênero dez artigos de opinião, produzidos por alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Potiretama. Podemos observar que a anáfora encapsuladora na produção textual serve de princípio organizador do discurso, introdução de informações/argumentos novos e desenvolvimento do processo argumentativo. Constatamos que um mesmo referente pode exercer mais de uma função, isso dependerá de fatores presentes no discurso no momento da interação. Assim, identificamos que as anáforas encapsuladoras não cumprem apenas o papel de resumir ou sumarizar porções textuais, elas mostraram-se mais produtiva do que isto. Desempenham funções discursivas importantes no auxílio da organização geral dos elementos conectivos da produção textual, contribuindo, também, para a formação de ideias, como no levantamento de hipóteses que direcionam para a interpretação e compreensão do gênero artigo de opinião produzido em contexto escolar.

Palavras-chave: Anáfora encapsuladora. Produção textual. Artigo de opinião.

ABSTRACT

Assuming that the reference is a process built in the speech in which the referents are constituted as objects themselves, this work analyzes the encapsulated anaphors in the textual production of the opinion article, produced in the school context. Having as theoretical support Cavalcante (2003), we classified the events of the kinds of encapsulated anaphors, from Koch and Elias (2006), we pointed the reference strategies, from the studies of Bakhtin (1997), we described the opinion article gender and, finally, from Conte (2003), Ciulla and Silva (2008), we described the discursive functions of the encapsulations. Follow these postulates, searched to demonstrated the discursive functions interpreted by these referents in the gender discursive dynamic in studying. We could observe that the encapsulated anaphor in textual production serves of the organizer principle of the speech, introduction of information / new arguments and development of the argumentative process. We found that the same referent can exert more one fuction .It will depend of the factors present in the speech in the moment of the interaction. So, we identify that the encapsulated anaphors don't fulfill only the function of summarizing textual portions. They show more productive than it. They exert important discursive functions helping the general organization of the connective elements of the textual production, contributing also for ideas formation as in the surveying of hypothesis that gives direction to interpretation and comprehension of the opinion article gender produced in the school context.

Key words: Encapsulated anaphors .Textual production, Opinion article.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAÇÃO: UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DISCURSIVA	16
2.1 LINGUÍSTICA DO TEXTO: PERCURSO TEÓRICO	17
2.2 REFERENCIAÇÃO: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS	18
2.3 ANÁFORAS NA PERSPECTIVA DISCURSIVA	23
2.4 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS	26
2.5 FUNÇÕES DISCURSIVAS DO ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO	30
2.6 ARTIGO DE OPINIÃO: UM GÊNERO DISCURSIVO	34
2.6.1 Conteúdo temático do artigo de opinião	35
2.6.2 Estilo do artigo de opinião	36
2.6.3 Estrutura composicional do artigo de opinião	36
3 METODOLOGIA	42
3.1 TIPO DE PESQUISA	42
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	42
3.3 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	43
3.4 PROCEDIMENTOS	44
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	45
4 ANÁFORA ENCAPSULADORA E PRODUÇÃO TEXTUAL	47
4.1 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS E ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA	50
4.2 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS E INTEGRAÇÃO SEMÂNTICA	57
4.3 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS E PRODUÇÃO TEXTUAL DO ARTIGO DE OPINIÃO.....	60
4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	71

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, “Anáfora Encapsuladora na Produção Textual do Gênero Artigo de Opinião”, busca refletir o uso desse processo referencial na produção de artigos de opinião no contexto da sala de aula. No Brasil, os problemas relativos à produção textual são conhecidos e comprovados pelos resultados dos exames estaduais e nacionais divulgados pelo Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará- SPAECE e Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica- SAEB. Esses exames comprovam os baixos índices de competências relativas à leitura e escrita. Por meio de um estudo bibliográfico, comprovamos que a temática que envolve os processos de referenciação não é nova, muitos linguistas já abordaram o assunto. Porém, nossa análise é voltada para a abordagem desses processos, de forma prática, nas aulas de produção textual.

Para nós, uma das explicações para os baixos índices apontados nos exames citados estão relacionadas à ausência de um tratamento mais articulado do texto, em que se considerem as estratégias de construção textual, de progressão e manutenção temática, como o uso da anáfora, por exemplo. O que se vê, na maioria das salas de aula, é a prática de uma escrita mecânica que se limita a exercitar, de forma isolada, tópicos como a identificação de elementos gramaticais, muitas vezes, tendo como escopo da análise a sentença. Esses conteúdos precisam ser considerados em função da construção dos textos de que fazem parte, e não por meio de regras descontextualizadas.

As avaliações do aprendizado da língua escrita são realizadas por meio de aplicação de testes que avaliam as habilidades e a matriz de referência para a avaliação é uma amostra representativa das matrizes curriculares, que é organizada em tópicos que agrupam um conjunto de descritores, sendo que o procedimento utilizado na organização e análise dos resultados permite identificar o avanço no desenvolvimento dos alunos. As habilidades descritas nesses testes aplicam-se a categorias de desempenho e níveis de proficiência classificados como: muito crítico de zero a 125; crítico de 125 a 175; intermediário de 175 a 225; adequado acima de 225.

Observamos os resultados dos últimos anos em relação os índices de proficiência alcançados pelos alunos do 9º ano avaliados pelo SPAECE no nível de município em 2012 variaram entre muito crítico (10%), crítico (51,1%); em 2013 muito críticos (18,5%), (31,6%), e em 2014 os índices aumentaram (20,2%) muito crítico e (45,7%) crítico. Diante de tal panorama vemos que o nível de proficiência alcançados pelos sujeitos que compõem da pesquisa é preocupante, uma vez que ao longo de três anos, apesar de uma leve melhora entre os que estavam no nível crítico de desenvolvimento, houve um acentuado aumento entre os alunos que estava no muito crítico, ou seja, nossos alunos estão concluindo o ensino fundamental sem conhecer ou sem saber aplicar os conhecimentos que já deveriam dominar para escrever de forma a atender os propósitos básicos de comunicação escrita.

Por essas razões, justifica-se a realização deste estudo, uma vez que a anáfora encapsuladora se revela como elemento de compreensão textual, ao considerarmos que esses objetos se constroem no discurso, e são produtos da interação, uma vez que a combinação e a organização de ideias/argumentos por meio desses elementos determinam os sentidos que expressam o ponto de vista ou tese defendida pelo autor no gênero artigo de opinião.

Na tentativa de demonstrar a relevância de se considerar as estratégias de referenciação no processo de produção textual, esta pesquisa busca refletir sobre a anáfora encapsuladora na perspectiva da referenciação. Analisando a produção textual de dez artigos de opinião produzidos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, observamos a ocorrência deste tipo de anáfora como objeto do discurso que colabora na produção textual, principalmente na construção dos sentidos.

Desta forma, neste estudo, trabalhamos com o gênero textual artigo de opinião, porque, a leitura e a produção dos mais variados gêneros, como práticas discursivas, combinadas com a reflexão sobre a língua devem ser priorizadas no trabalho (BRASIL, 1998). Assim, quando trabalhamos com um gênero, construímos sentidos por meio de nossa atuação sociodiscursiva, proposta primordial para a atividade pedagógica, uma vez que o estudo dos gêneros permite interatividade nas situações sociocomunicativas entre os sujeitos, e não apenas o acesso a suas propriedades estruturais formais desvinculadas do processo de produção.

Tendo como base os trabalhos de Koch e Marcuschi (1998), Koch (2004), Koch e Bentes (2005), Koch e Elias (2006), Cavalcante (2003), Conte (2003) e Ciulla e Silva (2008) definimos como tema de nossa pesquisa a anáfora encapsuladora na produção textual do gênero artigo de opinião. Delimitamos a pesquisa à descrição e à análise desse processo referencial em dez textos produzidos no contexto escolar, por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no município de Potiretama-Ceará, durante o período de dezembro de 2013 a junho 2015 nesse período aplicamos a sequência didática e coletamos os textos que serviram de *corpus* para a pesquisa.

Traçamos como objetivo geral investigar a maneira pela qual se dá o uso das anáforas encapsuladoras na produção do gênero textual artigo de opinião, analisando as funções discursivas dessas anáforas na produção discursiva desse gênero. Partindo da perspectiva de referenciação de Koch e Marcuschi (1998), posição também defendida por Mondada e Dubois (2003), segundo a qual o processo de referenciação é uma atividade discursiva em que os sujeitos operam com os recursos linguísticos que têm a sua disposição, por ocasião das interações (orais ou escritas). Sabemos que a escolha desses recursos é significativa para que a proposta de sentido seja concretizada.

Desse objetivo central, desencadearam-se os objetivos específicos: discutir como as anáforas encapsuladoras auxiliam na organização textual do gênero artigo de opinião produzido por alunos do 9º do Ensino Fundamental da escola já mencionada; analisar como o uso dos encapsulamentos contribui de forma efetiva para a construção da argumentação e do sentido nos textos analisados; demonstrar como o uso dessa estratégia de referenciação auxilia na melhoria do ensino da produção textual no que se refere a construção da coesão; e, por fim, contribuir com a prática docente, no que diz respeito à abordagem dos processos referenciais no ensino de produção textual do gênero artigo de opinião.

Partindo desses objetivos, surgiu como problemática principal do trabalho o seguinte questionamento: os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental na produção de artigos de opinião utilizam as anáforas encapsuladoras de maneira sistemática e de acordo com a perspectiva de que a referenciação se constrói no discurso e de que referentes são objetos-de-discurso? Tal questionamento desencadeou outros

secundários: quais os tipos de anáforas encapsuladoras mais utilizadas pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental na escola citada? Como demonstrar aos alunos que as anáforas encapsuladoras melhoram a qualidade das produções textuais? Como as funções discursivas das anáforas encapsuladoras auxiliam na construção e compreensão do gênero artigo de opinião?

Partimos das hipóteses básicas de que, embora os alunos utilizem diferentes estratégias no processo de referenciação ao desenvolver um texto, apresentam dificuldades em operar com escolhas significativas, isso por que, apesar utilizarem esses diversos elementos para a construção da referenciação, demonstram limitações quanto à sua utilização na organização textual. Os professores, principalmente os de Língua Portuguesa que não abordam o texto como processo de interação e tem a produção textual como mero exercício de escrita, com fins avaliativos, correm o risco de não contribuir para o aprimoramento das competências de leitura e de escrita.

Para concretizar nosso estudo, optamos por uma pesquisa qualitativa com objetivos descritivos e exploratórios, uma vez que, com base na fundamentação teórica e na seleção de estudos que abordam a referenciação, faremos observações, registros, análises, classificações e interpretação dos dados. Com relação à forma de abordagem, nossa pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois visa entender o processo de referenciação, atribuindo-lhe significado a partir da análise da anáfora encapsuladora e sua contribuição para a atividade de produção textual do gênero artigo de opinião no Ensino Fundamental.

A organização estrutural deste trabalho está distribuída em cinco seções. A primeira seção, como vimos, corresponde a esta parte introdutória e apresenta a perspectiva adotada com relação à referenciação, às anáforas e aos encapsulamentos, assim como detalha os objetivos, objeto de estudo e estudos na área da Linguística Textual que nos auxiliaram durante a pesquisa.

Na segunda seção, apresentamos as perspectivas adotadas de referenciação e de anáforas defendidas por Koch e Bentes (2005), complementadas por Cortez (2005), Zamponi (2005) e Koch e Elias (2006), seguida dos conceitos de anáfora encapsuladora ou encapsulamento, postulados por Conte (2003), e a

proposta classificatória de Cavalcante (2003), relacionando esses conceitos com a construção do gênero artigo de opinião escolar.

Ainda na segunda seção, fizemos algumas considerações acerca do conceito de gênero textual em Bakhtin (1997) e em Marcuschi (2002; 2008), assim como apresentamos características gerais do gênero artigo de opinião, com ênfase nas práticas desenvolvidas no contexto escolar.

A terceira seção é destinada à apresentação dos procedimentos metodológicos deste trabalho, indo da delimitação do *corpus* até a demonstração dos métodos empregados para a efetivação da análise dos dados coletados.

Na quarta seção, apresentamos uma análise da ocorrência da anáfora encapsuladora nos artigos de opinião. Na discussão dos resultados da pesquisa, buscamos evidenciar as principais características das ocorrências da anáfora encapsuladora e mostrar que as suas funções discursivas desempenham um papel crucial no processo de produção e compreensão textual do gênero em estudo.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais a respeito dos conteúdos abordados, fazendo uma relação destes com a construção do gênero textual ora analisado. Isso, por entendermos que esse estudo auxiliará professores e alunos na reflexão de como essa estratégia de referenciação, quando trabalhada de forma sistemática, constitui-se em uma forma eficiente de organização textual, contribuindo, assim, para que os objetivos que temos em mente ao produzir um texto e os sentidos construídos nele sejam compreendidos e interpretados de modo a alcançar o propósito comunicativo do gênero praticado.

2 REFERENCIAÇÃO: UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

A presente seção fará uma exposição sobre o percurso teórico da Linguística Textual, a qual discute os conceitos de referenciação e anáfora adotados no estudo. Discutiremos esses conceitos e a forma como são empregados, bem como relataremos o fenômeno do encapsulamento e sua função discursiva no gênero artigo de opinião, noções básicas para a compreensão do processo de referenciação, no qual se insere nosso objeto de estudo a anáfora encapsuladora.

Para os estudos tradicionais, a referência corresponde à relação entre as palavras e os objetos do mundo, em que as palavras são avaliadas como objetos preexistentes ao texto. Essa concepção pendurou por muito tempo nos estudos da referência. Foi a partir de reflexões provenientes de outras ciências e da abertura da Linguística aos dados empíricos que a referência passou a ser vista como um processo dinâmico e intersubjetivo de interação entre os elementos envolvidos nesse processo: o texto e seus interlocutores.

Esse novo modo de ver a referência vai além da relação entre as coisas e os nomes, uma vez que é fruto das interações mediadas pelo texto, oral ou escrito, presentes nas práticas discursivas. De acordo com essa visão, “os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Em nosso estudo, adotamos o termo referenciação como sendo uma atividade discursiva e os referentes como objetos-de-discurso, construídos na intersubjetividade das interações. Essa concepção de referência é adotada por alguns estudos e tem como ponto central o conceito de referenciação, ou seja, deixa o conceito abstrato de referência passando a designar “uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 20).

2.1 LINGUÍSTICA DO TEXTO: PERCURSO TEÓRICO

Para tratar do processo de referenciação, como o uso de anáfora encapsuladora na produção dos textos produzidos por alunos no contexto escolar, objeto de estudo deste trabalho, consideramos necessário compreender como se deu a mudança nos estudos linguísticos que, a partir da década de 1980, passaram a considerar os aspetos sociais, culturais e interacionais no processo de construção e de compreensão textual.

No século XX, na Europa, começou a se desenvolver um novo ramo da Linguística que tomava, como unidade básica de estudo, o texto. Para Marcuschi (2008), nos estudos discursivos, o sentido se torna algo situado e fruto dos efeitos enunciativos. De fato, o processo de compreensão é possibilitado pela interação que é mediada pelo texto, unidade de sentido completo, e não pela frase ou por palavras isoladas.

O surgimento da Linguística Textual se deu pela ineficácia das gramáticas para responder situações linguísticas que, para serem explicadas, necessitavam analisar o texto em sua totalidade levando em consideração o contexto situacional, ou seja, esse ramo da Linguística surge da necessidade de uma base teórica que pudesse explicar a organização da informação, a ligação dos tópicos, os sentidos e as relações semânticas que se estabelecem ao longo do texto.

Com essas novas concepções, foram despontando as chamadas gramáticas do texto que buscavam estruturar os fenômenos linguísticos que não podiam ser explicadas pelas gramáticas tradicionais. Assim, a gramática textual amplia os domínios e coloca a semântica como elemento necessário a compreensão textual.

Os estudos evoluem, e a Linguística Textual passa a considerar também a perspectiva pragmática que oferece novos parâmetros para analisar o texto, visando a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso. Já na década de 90, a linguística volta seu interesse para a relação entre conhecimento e texto, a partir desse momento os objetivos dos estudos linguísticos ampliam-se dando enfoque também às questões relativas ao processamento do texto, as estratégias sociocomunicativa e interativa envolvidas nesse processo.

Atualmente, a Linguística Textual pode ser definida como “o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento dos textos escritos e orais em contextos naturais de uso” (MARCUSCHI, 2008, p. 730). Pelo exposto, podemos observar que esse ramo da Linguística percorreu um longo caminho até sua definição atual, e a compreensão dessa trajetória é importante à medida que compreendemos a ampliação dos conceitos e do objeto desse estudo: os textos de opinião produzidos por alunos no contexto escolar.

Por isso, conforme Koch e Bentes (2005, p. 17), o texto passa a ser “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos”, sendo assim o sentido não é preexistente à interação, ele é, sim, fruto dessa interação na qual estão envolvidos três elementos: o produtor, o texto e o leitor. Esses três elementos são responsáveis pela construção do texto como discurso, da língua como uso e da referenciação como uma construção discursiva.

2.2 REFERENCIAÇÃO: CONCEITOS E ESTRATÉGIAS

A Linguística Textual, em sua atual perspectiva, considera no estudo do texto as condições de produção e de recepção, abandonando a ideia de que o texto é algo pronto e acabado. Muitos dos teóricos tratados nesta pesquisa compreendem o texto e a referenciação dentro desse prisma, considerando a produção textual como atividade interacional. Isso ampliou o conceito de referência para referenciação. Para Koch e Elias (2009),

O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estado de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido (KOCH, 2009 p.124)

De acordo com a autora, dominar os recursos linguísticos significa buscar explicar como se dá a interação social por meio desse objeto multifacetado (texto/discurso), que traz em si as marcas desse processo. Portanto, as pistas ou chaves para a sua decifração - estratégias de referenciação - são primordiais no jogo de produção de sentidos que estabelecemos no momento da interação.

Para Marcuschi (2008, p.142), a referenciação “é um processo realizado no discurso e resultante da construção dos referentes”. Nesse processo de interação os referentes são construídos, reconstruídos e modificados em favor do sentido que o autor pretende ao produzir um texto.

De acordo com esta concepção, os referentes não são estáveis, ou seja, não estão no mundo à disposição dos falantes/usuários para serem colhidos e usados à medida que eles forem sentindo necessidade. O que há é uma instabilidade no léxico, determinada pela multiplicidade de significados. Em razão disso, os referentes vão se construindo segundo os pontos de vista dos interlocutores e a troca de informações entre produtor e interpretador, sendo que ambos ocupam uma posição ativa na construção do sentido.

Sendo assim, a referenciação consiste em um processo de interação realizado no discurso, resultando da construção de referentes de modo que estes referentes são produtos do discurso. A noção de referência ou a categoria de referir não é mais uma atividade de "etiquetar" um mundo existente, mas uma atividade discursiva, através da qual os referentes passam a ser construídos ou reconstruídos no processo de interação.

Nesse contexto, a referenciação é bem sucedida quando conseguimos identificar o referente do discurso no ponto em que essa operação lhe é solicitada e tal identificação ocorre quando essa informação ficou acessível no discurso. Cortez (2005, p. 323-324) diz que o modo de apresentação do referente depende de três componentes fundamentais: “o objeto a ser referido, a instância de origem e a instância responsável pela transmissão”.

Sendo assim, a referenciação torna-se uma ação de interação dinâmica que permite ao falante, referindo-se a entidades por meio de termos (objetos), introduzir argumentos no discurso, e, a partir disso compor de forma coesiva seu texto (origem) para atender princípios comunicativos dos seus interlocutores (instância de transmissão). Essa relação dinâmica possibilita a continuidade do texto, como também a introdução, preservação e retomada dos referentes para a construção textual de forma coesa e coerente.

Para Zamponi (2005), o ato de referir,

[e]nvolve uma operação colaborativa dos parceiros da interação, que constroem os referentes no e pelo discurso, atividade linguística e sociocognitiva, ligada, acima de tudo, à interação e à intersubjetividade. [...] a atividade referencial implica um processo interativamente controlado, em situações específicas de comunicação, isto é, a referenciação é uma atividade de construção colaborativa situada e não apenas uma operação linguística. (ZAMPONI, 2005, p. 173)

Para a autora, a referenciação é um processo colaborativo, no qual o sujeito constrói esses objetos que são dinâmicos, realizado no texto pela introdução, retomada, remissão e transformação de objetos-de-discurso. Dito de outro modo, analisar o processo de referenciação é também investigar formas de enquadre da realidade, que unem dimensão social e individual, reafirmando os postulados de Cortez (2005, p. 323-324) de que a construção referencial é fruto tanto da “experiência prévia quanto da interação dos sujeitos na construção dos referentes”, essa construção tem como ponto de partida, o eixo texto / objeto / interlocução.

Para Koch (2004), a referenciação é atividade discursiva que permite que o sujeito, no processo de interação verbal, opere escolhas para representar um estado de coisas. Essas escolhas dizem respeito ao uso de expressões referenciais. Essas escolhas, ainda, são divididas em dois blocos, segundo Cavalcante (2003):

(i) os que introduzem novos referentes no “universo do discurso” (Lyons, 1977) sem promover nenhum tipo de continuidade referencial; e (ii) os que realizam a continuidade referencial dos objetos presentes no universo discursivo, ou por que foram explicitamente evocadas ou porque são dali inferíveis. (CAVALCANTE, 2003, p. 106)

Segundo a autora, há uma introdução referencial pura quando a expressão referencial institui um objeto no discurso sem que nenhum elemento no contexto o tenha evocado, por exemplo: “*Se um homem bate na mesa e grita, esta impondo controle. Se uma mulher faz o mesmo, está perdendo o controle*” (CAVALCANTE, 2003, p.106). E há continuidade quando, ao contrário do exposto acima, algum elemento no contexto mantém uma espécie de referencialidade, mesmo que o elemento seja introduzido no discurso pela primeira vez, como ocorre nos casos das indiretas e encapsuladoras. A autora postula ainda que:

[...] para haver continuidade não é obrigatório, com efeito, que exista sempre uma retomada total ou parcial de um referente como as anáforas diretas. Pode ser que a ligação se estabeleça entre uma ancora e outro elemento contextual pela primeira vez no texto, como nas anáforas indiretas e encapsuladoras. (CAVALCANTE, 2003, p. 180)

São essas âncoras que o produtor evoca, por meio de um referente, que permitem situar o interlocutor no momento de interação. Isso se dá pela construção da referenciação, e, para que o produtor possa construí-la no momento da efetivação do discurso, ele recorre a diferentes estratégias, enumeradas por Koch e Elias (2006, p. 125).

1. **Introdução (construção):** quando algo é introduzido no texto, sem ter sido especificado anteriormente, ficando saliente no modelo textual;
2. **Retomada (manutenção):** trata-se da reativação de um referente já previamente introduzido no texto.
2. **Desfocalização:** quando um novo objeto de discurso é introduzido passando a ocupar o foco. No entanto, o objeto retirado fica em 'stand by', ou seja, continua disponível para ser reutilizado. (grifos das autoras).

As autoras nomeiam os dois primeiros casos como introdução ancorada e introdução não ancorada: a introdução não ancorada representa a entrada de um objeto-de-discurso totalmente novo no texto. Já na introdução ancorada, é possível que se estabeleça uma relação associativa, sob o modo do dado, com o cotexto ou no contexto sociocognitivo. Vejamos o exemplo das autoras:

Figura 1: Exemplo de introdução de referente ancorada.

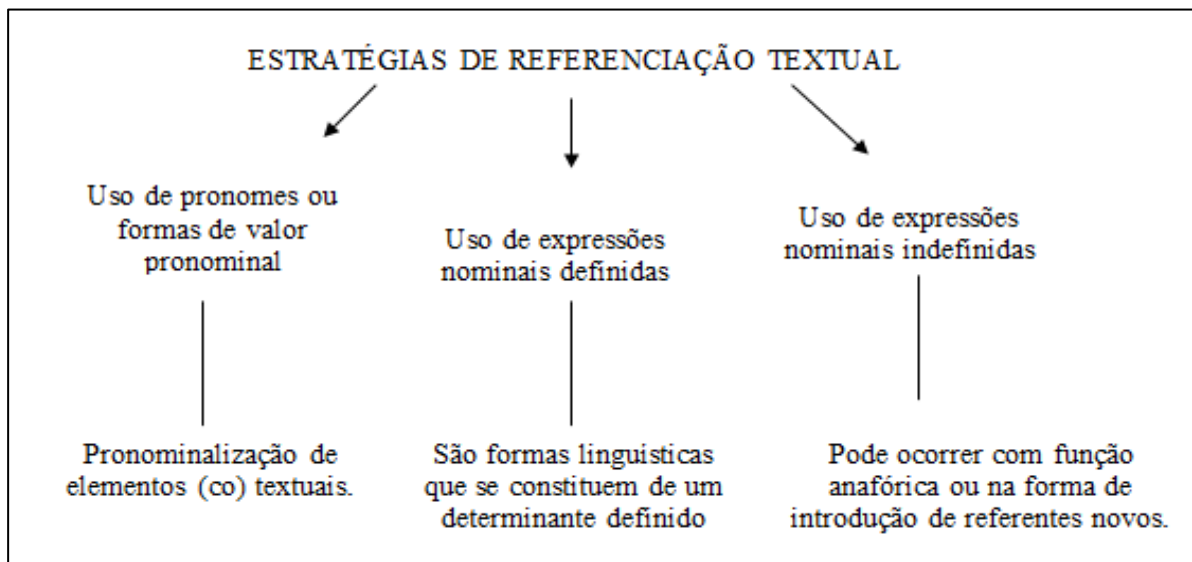


Fonte: Koch e Elias (2009, p. 127).

Nesse caso, o “vinho” é um referente introduzido que se associa aos outros elementos presentes no (co)texto como “alcoólatra” e “vício”, ou seja, remete ao contexto sociocognitivo. Em se tratando dos processos de introdução, Koch (2004) diz que essa operação é responsável pela manutenção de referentes introduzidos no discurso, dando origem às chamadas cadeias coesivas ou referenciais, que têm por função promover a progressão referencial do texto.

A partir dessa nomeação dos tipos de introdução referencial as autoras apresentam as principais estratégias de referenciação textual que expomos no diagrama a seguir:

Diagrama 1: Estratégias de referenciação.



Fonte: Koch e Elias (2006, p. 131-135).

Enfim, pode-se destacar que o processo de referenciação é uma atividade discursiva, na qual os sujeitos operam escolhas, no momento de fazer referência a algo que está presente no universo textual. Esse processo de escolhas é vasto, e possui uma diversidade de maneiras através das quais podemos construí-lo, ou seja, o processo referencial fornece pistas sugestivas para a construção dos sentidos no texto, cabendo ao produtor deixar essas pistas para que, ao ler, o leitor possa recuperar essas informações, que podem estar presentes no cotexto ou ser dele inferíveis.

Para Koch e Marcuschi (1998, p. 7), a “retomada anafórica é a estratégia de referenciação discursiva mais estudada e conhecida, mas não de todo

compreendida e provavelmente mal compreendida”, pois, não diz respeito apenas a relações estabelecidas por retomada, mas se estabelece num contínuo fazendo uma espécie de remissão. Sendo assim, amplia e enriquece as relações mantidas não só por pronomes, mas que abrange outras categorias de designação anafórica.

Com base nesses princípios teóricos, passamos a examinar a questão da anáfora. Considerando nossa opção teórica, limitamo-nos a modelos que levem em conta o texto como um processo de interação discursiva.

2.3 ANÁFORAS NA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Nesta subseção do estudo, enfocamos a anáfora como elemento de compreensão construído no discurso que determina o sentido colaborando para a produção e compreensão do texto.

Na elaboração de um texto, são muitos os recursos utilizados para a sua construção da referenciação, entre eles o uso da anáfora. Essas formas, assim como todo o estudo linguístico, modificam-se ao longo do tempo e de acordo com a escola a qual pertencem seus autores, e ao longo do tempo passou de uma abordagem clássica para a abordagem discursiva adotada nesta pesquisa.

Segundo Marcuschi (2005, p. 54), “originalmente, o termo anáfora, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase”. Nessa concepção clássica, a anáfora era compreendida como um processo de reativação de referentes prévios, ou seja, como sinônimo de uma simples retomada de um referente anteriormente explícito no texto, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente.

[a] visão clássica e linear da anáfora não considera o problema da referenciação textual em toda sua complexidade, pois nem sempre há congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente; nem toda anáfora recebe uma interpretação no contexto de uma atividade de simples atribuição de referente. (MARCUSCHI, 2005, p. 55)

Em suas colocações, o autor afirma que o caso da anáfora correferencial não é paradigmático das anáforas em geral, e que o pronome, ao contrário do

postulado na visão clássica, não é uma classe de palavras tipicamente anafórica, já que, para esse estudioso, não existe uma classe de palavras funcionalmente anafórica. A anáfora é, portanto, em sua essência, um fenômeno de semântica textual de natureza referencial e apenas não de representação pura e simples dos objetos do mundo.

Atualmente, estuda-se a abordagem discursiva da referenciação e, conseqüentemente, da anáfora, defendida por diversos linguistas, como Ingedore Koch, Luiz Antônio Marcuschi, entre outros. Para esses teóricos, é necessária a compreensão do conceito de anáfora, enquanto uma formulação discursiva, e os referentes como objetos-de-discurso, ambos assumem papel relevante para a produção e interpretação dos textos.

Segundo Koch e Bentes (2005, p. 81), para a interpretação de uma expressão referencial é preciso “estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva”. Estabelecer essa ligação é dar sentido ao texto de acordo com as representações presentes na memória discursiva, não somente em relação ao que está posto no texto explicitamente. Mas também através das inferências¹ que podemos fazer com base no que está implícito ou no conhecimento de mundo partilhado entre os sujeitos no momento de interação.

Portanto, o sujeito interage com objetos linguísticos, não com objetos do mundo, e a interpretação desses referentes não depende apenas da leitura do que está escrito, ou do que está explícito no texto. Para isso, o interlocutor precisa ter outros conhecimentos para complementar o entendimento do texto, e assim fazer as inferências de forma a captar o sentido que o autor do texto esboça ao utilizar uma estratégia ou outra na construção do texto.

As continuidades referenciais dizem respeito às anáforas em geral, sem que isso signifique retomada de referentes, pois trata das anáforas diretas, das indiretas e das encapsuladoras. Cavalcante (2003), divide as anáforas pelo parâmetro da referencialidade em dois grupos: aquelas que operam uma retomada e aquelas

¹ “[...] processo que possibilita a construção de novos conhecimentos a partir de dados previamente existentes na memória do interlocutor, os quais são ativados e relacionados às informações veiculadas pelo texto” (FERREIRA; DIAS, 2004, p. 439).

que não retomam referentes, apenas fazem algum tipo de remissão ao (co)texto, esses dois grupos abrigam todos os tipos de anáforas.

Partindo desses princípios e obedecendo a ordem hierárquica da função referencial, traços de significado e características formais, a autora apresenta uma proposta classificatória que subdivide as anáforas em dois grupos, que passamos a descrever no quadro abaixo:

Quadro 1: Tipos de anáforas.

<p style="text-align: center;">ANÁFORAS COM RETOMADA</p> <p>Aquelas que operam uma retomada que pode ser total ou parcial</p>	<p style="text-align: center;">ANÁFORA DIRETA</p> <p>Correferencial total</p> <p>Correferencial e (co) significativa</p> <p>Correferencial recategorizadora</p> <p>Não (co) significativa e não- recategorizadora</p> <p>Parcial (co) significativa</p>
<p style="text-align: center;">ANÁFORA SEM RETOMADA</p> <p>Aquelas que não retomam, apenas fazem algum tipo de remissão a uma ancora no co(n)texto.</p>	<p style="text-align: center;">ANÁFORA INDIRETA</p> <p>Com categorização de um novo referente</p> <p>Com recategorização lexical implícita</p> <p>Com recategorização lexical</p> <hr/> <p style="text-align: center;">ANÁFORA ENCAPSULADORA</p> <p>Com dêitico</p> <p>Por demonstrativo</p> <p>Por sintagma nominal</p>

Fonte: Cavalcante (2003).

Conforme demonstrado pela autora, em sua proposta de classificação, o antecedente não é condição obrigatória para a existência da anáfora, mas sim a remissão a objetos-de-discurso, mencionados ou inferíveis no cotexto, que lhe serve de fonte. Essa é uma característica da anáfora encapsuladora que a atrelava como um tipo a mais das indiretas, mas recuperam sem retomar um antecedente pontual, por isso, Cavalcante (2003 p. 115) diz que essas anáforas se “situam numa zona fronteira, que faz a inserção entre as anáforas diretas e as indiretas”.

Sendo assim, a anáfora encapsuladora funciona como expressão referencial que resume uma porção textual, construindo um novo referente com base nas informações já postas, tornando-se, assim, objeto de discurso para o qual podemos atribuir novos significados, possibilitando identificar a manifestação do ponto

de vista do autor do texto a respeito de determinado assunto. Dessa forma, a anáfora encapsuladora contribui para a coesão e progressão do texto, conseqüentemente, para a compreensão e organização do discurso, vejamos na próxima seção.

2.4 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS

Nesta subseção, iremos nos restringir ao caso das anáforas sem retomada, em especial, as anáforas encapsuladoras, considerando-as como um tipo a parte de anáforas que detêm características tanto das anáforas diretas como também das indiretas, cuja função principal é resumir proposições textuais, empacotando-as em uma expressão referencial formada por sintagma nominal ou por pronome demonstrativo servindo de ponto de referência para o que já foi explicitado na dinâmica textual e abrindo espaço para novas informações, vejamos um exemplo:

*Hoje, todos os melhores espaços produtivos estão na mão da velha estrutura do estado. **Levará tempo para mudar esta situação.***

Fonte: Conte (2003, p. 178).

A expressão referencial sublinhada *esta situação* na frase acima resume uma porção textual, e como podemos perceber não há um antecedente pontual ao qual a expressão possa se referir, mas, com efeito, ela recupera sem retomar o que está no cotexto, ou seja, a porção textual que a antecede.

Cavalcante (2003, p. 108-116), expõe algumas características desse tipo de anáfora, além da exposta no quadro acima:

Para haver continuidade, não é obrigatório, com efeito, que exista sempre retomada total ou parcial de um mesmo referente [...] pode ser que a ligação se estabeleça apenas entre uma âncora e outro elemento cotextual introduzido pela primeira vez no texto [...] antecedente um conteúdo proposicional; resumir proposições do discurso empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal [...] ou pode ser um pronome, geralmente demonstrativo; recupera (sem retomar) o que há no co(n)texto. (CAVALCANTE, 2003, p. 108 -116)

Conte (2003, p. 178) define encapsulamento anafórico como sendo “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase

resumidora para uma porção textual precedente”. Para Schwarz (2000, *apud* KOCH; ELIAS, 2006), tratam-se de “anáforas complexas”, pois não tem um referente específico, mas referentes textuais abstratos que não só recuperam informações, mas também criam novos referentes que passam a ser tema para a construção de porções textuais subsequentes.

Para Koch (2005, p. 38-39), as anáforas encapsuladoras são formas de remissão a algo presente no texto, e operam uma “refocalização da informação cotextual, elas têm, ao mesmo tempo, função [...] referenciadoras e preditivas”, isto é, veiculadoras tanto de informações dadas ou inferível quanto de informação nova”. Esse caráter discursivo faz da anáfora encapsuladora uma importante estratégia na construção textual, uma vez que ela permite ao produtor construir uma rede de relações referenciais que trabalha a dupla função: ser referenciadora e ao mesmo tempo preditiva, pois é capaz de veicular a informação dada, através do encapsulamento, e apontar para a continuidade do texto com predições novas, que podem ou não trazer um juízo de valor em seu núcleo.

Nessa perspectiva, o encapsulamento funciona como um princípio de integração semântica, já que, ao mesmo tempo em que interpreta uma porção textual precedente, funciona como ponto de partida para a sequência textual seguinte. Podendo atuar como um princípio argumentativo que não só organiza o texto, como também realiza avaliação que direciona o leitor em função de uma determinada orientação argumentativa elaborada pelo locutor. Isso acontecerá especialmente quando o núcleo do sintagma nominal anafórico for um nome avaliativo, como se costuma afirmar na literatura sobre o assunto.

Já Conte (2003) considera essas formas anafóricas como diferentes dos exemplos padrão de anáfora, considera para isso dois pontos:

Os referentes dos sintagmas nominais anafóricos não são indivíduos, mas referentes com status ontológicos diferente: são entidades de ordem superiores como estados, coisas, eventos, situações, processos (que Lyons, 1977, chamou de entidades de segunda ordem) fatos proposições, atos de enunciação (que Lyons chamou de entidades de terceira ordem). O antecedente (se é legítimo falar em antecedente) não é claramente delimitado no texto, mas deve ser reconstruído (ou mesmo construído) pelo ouvinte /leitor. (CONTE, 2003, p. 179)

Sendo assim, o encapsulamento anafórico depende diretamente do cotexto discursivo, ele é muito mais do que uma paráfrase sumarizadora ou resumitiva. Pois é usado tanto para fazer referência, organizando o discurso, como para abrir espaço para a introdução de informações, constituindo, assim, um procedimento primordial para a dinâmica textual.

Conte (2003, p. 184) reafirma o alto nível de hierarquia que esse uso anafórico produz para a semântica textual, funcionando com princípio que estrutura o texto. Assim, os referentes podem ser avaliados, ressignificados, recategorizados, e marcar uma mudança de nível, uma condensação da informação, atuando argumentativamente na requalificação do objeto ao qual remetem.

Ainda segundo a autora, essa anáfora possibilita identificar a manifestação da subjetividade e até do julgamento do autor do texto a respeito de determinado assunto, pois sua realização ocorre por meio de uma escolha lexical que contribui para a construção de determinado significado, ou seja, seu projeto de dizer.

Sendo assim, as expressões anafóricas funcionam como uma espinha dorsal que permite ao leitor construir um “projeto de dizer” (KOCH; BENTES, 2005, p. 39) que orienta para a construção do sentido no texto. Para as autoras, há distinção de dois tipos dessas formas anafóricas:

1) As que simplesmente rotulam um segmento do texto transformando-se em objeto do discurso e abrindo a possibilidades de progressão textual. **2)** As que realizam operações, por meio de nomes deverbais ou não. Consiste em rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre predições antecedentes ou subsequentes [...] predicativamente significados. (KOCH; BENTES, 2005, p. 39-40)

Esses dois tipos de realização anafórica desempenham funções distintas, segundo alguns teóricos, uma referenciadora e outra predicativa. Essas duas funções não são excludentes, nos processos de encapsulamento, pois a anáfora pode, ao mesmo tempo, sumarizar uma porção textual e, a partir de sua colocação, criar um novo referente textual, para o qual podemos fazer predições, cumprindo múltiplas e simultâneas funções discursivas (CIULLA E SILVA, 2008, p. 8).

Cavalcante (2003) sugere que se inclua no rol das anáforas encapsuladoras os casos tratados na literatura como dêiticos discursivos. Ciulla e Silva (2008) corrobora com esse entendimento dizendo que:

[o]s dêiticos são, então, índices, na medida em que se referem a objetos de maneira dinâmica, isto é, remetem ao objeto e, simultaneamente, à situação discursiva. [...] uma expressão que contém um elemento dêitico pode ser considerada uma expressão puramente dêitica e, muitas vezes, uma expressão pode ter um uso dêitico, sem conter um elemento dêitico em si. (CIULLA E SILVA, 2008, p. 56)

A autora, considerando o acréscimo dos dêiticos no rol das encapsuladoras feito por Cavalcante (2003, p. 116), lista as três características que esses elementos apresentam a um só tempo: “o encapsulamento (..) é categorizado como rótulo, o procedimento dêitico oriente os focos de atenção dos interlocutores e a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário”. Reiterando as colocações de Cavalcante (2003), Ciulla e Silva (2008), diz que todas as vezes que fazemos uso de dêiticos junto com a anáfora encapsuladora evidenciamos o referente no espaço textual, e ao mesmo tempo, promovemos o processo de referenciação anafórica, ou seja, o processo se constituirá numa anáfora encapsuladora com dêitico.

Considerando as colocações das autoras, a seguir, apresentamos a classificação dessa anáfora por tipo:

Quadro 2: Subdivisão das anáforas encapsuladoras.

ANÁFORA ENCAPSULADORA FORMADA POR PRONOME DEMONSTRATIVO – “AEPD”	Resume proposições do discurso, empacotando-as numa expressão referencial formada por um pronome demonstrativo.
ANÁFORA ENCAPSULADORA FORMADA POR SINTAGMA NOMINAL- “AESN”	Resume proposições do discurso, empacotando-as numa expressão referencial formada por um sintagma nominal.
ANÁFORA ENCAPSULADORA COM DÊITICO- “AED”	Resume proposições do discurso por meio do uso de um dêitico.

Fonte: Cavalcante (2003 p.116)

Considerando as colocações das autoras, temos basicamente três tipos de anáforas encapsuladoras: as formadas por pronome demonstrativo, por sintagma nominal e formadas por dêiticos, por que os dêiticos discursivos se aproximam das

anáforas, em especial, da encapsuladora, por “remeter a elementos dentro do próprio texto e promover encapsulamentos” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 60). Isso será objeto de discussão na próxima subseção.

2.5 AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DO ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO

Nesta subseção discutiremos o conceito de encapsulamento anafórico como um recurso coesivo textualmente relevante para a produção de textos argumentativos. O encapsulamento é uma atividade discursiva, na qual o produtor de um texto opera sobre o material a sua disposição realizando escolhas significativas condizentes com a “proposta de sentido” (KOCH; BENTES, 2005, p. 35). Sendo assim, as estratégias de referência, são escolhas realizadas por quem escreve o texto e traz consigo um alto grau de intersubjetividade, por isso, os referentes são construídos e reconstruídos ao longo do processo de escrita.

Koch (2008, p. 106) menciona as funções textuais das anáforas complexas, que acreditamos serem as encapsuladoras.

No que diz respeito à sua função textual, as anáforas complexas não só servem como meios de continuidade, como também efetuam a progressão do fluxo informacional, ou seja, são simultaneamente temáticas e remáticas. Visto que o processo de complexificação (re) constrói o conteúdo pré-mencionado como uma entidade discursiva unificada, as anáforas complexas desempenham uma função central no estabelecimento da coerência textual. (KOCH, 2008, p. 106)

Por essa razão, ao escolhermos que expressões referenciais serão utilizadas para revelar ao leitor nosso projeto de sentido, operamos essa escolha de forma consciente, de acordo com os objetivos propostos ao escrevermos um texto, sejam convencer, informar ou persuadir o leitor. Essas escolhas não são neutras, já que elas corroboram para a construção do sentido e guardam marcas cognitivas dos sujeitos, ou seja, são um processo de interação cooperativo entre seus interlocutores.

Uma teoria importante sobre encapsuladores anafóricos, abordada por Conte (2003, p.180), é de que o encapsulamento anafórico funciona “como um

princípio organizador do texto”, assim, ele introduz um elemento novo, visto que ainda não ocorreu no texto, a partir do momento em que faz parte do contexto. Dessa forma, passa a ser elemento passível de referência. Essa teoria é explicada da seguinte forma pela autora:

Os encapsulamentos anafóricos podem ser considerados novos por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, o próprio item lexical (o núcleo do sintagma nominal) é geralmente novo na medida em que não ocorreu no texto precedente. Em segundo lugar, e mais importante ainda, estamos lidando não apenas com categorização de informação cotextual dada, mas também com hipóstase. O que já está presente no modelo discursivo é “objetificado”, ou em outras palavras, torna-se um referente. Na base da informação velha, um novo referente discursivo é criado, e se torna o argumento de predicações futuras. Assim, o encapsulamento anafórico se torna um procedimento muito interessante de introdução de referentes no texto. Esses referentes são criados na dinâmica do texto. (CONTE, 2003, p.183)

Desta forma, os referentes encapsuladores operam uma importante função de integração semântica, articulando o eixo velho/novo, ou seja, através de uma expressão referencial é possível recuperar informações precedentes no cotexto ou inferíveis por ele, e ao mesmo tempo estabelecer um novo referente, com isso, quebrar a continuidade referencial. Esses referentes aloca informações novas dentro de um quadro de informações dadas, já apresentadas, e, assim, introduzidas na memória do interlocutor.

Sendo assim, as anáforas encapsuladoras configuram-se como elementos responsáveis pelo encadeamento das ideias e progressão textual, funcionando como operadores discursivos, especialmente, em textos dissertativos e argumentativos.

Conte (2003), destaca o importante papel da anáfora encapsuladora na dinâmica do textual, como dissemos antes, um importante elemento na construção da progressão, contribuindo para a organização do discurso, e, conseqüentemente, para a sua compreensão e interpretação, pois,

[o] encapsulador anafórico muito frequentemente ocorre no ponto inicial de um parágrafo e, então, funciona como princípio organizador na estrutura discursiva. Como ponto de início de um novo parágrafo, [...] é uma sumarização imaginável mais curta de uma porção textual precedente. [...] Eles funcionam como recursos de interpretação intratextual que rotulam porções textuais precedentes. (CONTE, 2003, p. 184-185)

De acordo com a autora, essas diferentes funções desempenhadas pelo encapsulamento anafórico na dinâmica textual possibilita não só a categorização de segmentos precedentes ou subsequentes do cotexto, mas também asseguram a integração semântica entre as sequências textuais que, simultaneamente, sumariza uma porção textual e serve de ponto de início para outro parágrafo.

Para Conte (2003, p. 184-188), os encapsuladores anafóricos exercem três funções básicas: “integram semanticamente porções textuais, oferecem uma avaliação dos fatos e eventos descritos, e permitem ao escritor atribuir uma força ilocucionária a um enunciado”.

Levando em consideração essas funções, podemos afirmar que as anáforas encapsuladoras assumem três funções no texto que não são excludentes: organiza as informações; traz um juízo de valor, nesse caso ocorre por meio dos rótulos avaliativos; e promove a metadiscursividade. Sendo assim, assume funções discursivas de organizador coesivo e meio de manipulação do leitor, especialmente na dinâmica textual de textos argumentativos (CONTE, 2003).

Em nossa pesquisa, não nos deteremos à questão dos rótulos avaliativos propriamente ditos, já que concordamos com Ciulla e Silva (2008), quando considera a “análise da referência numa dimensão discursiva, não pode desconsiderar o caráter mútuo das suas ocorrências, mas, devemos sim considerar as funções que os referentes desempenham no discurso”.

Sendo assim, traçamos como objetivo analisar a anáfora encapsuladora na construção textual em artigo de opinião. Além disso, visamos a estabelecer o paralelo que essas anáforas fazem entre as informações mencionadas no texto e as informações novas introduzidas a partir do encapsulador, evidenciando como suas funções discursivas funcionam na dinâmica textual de textos argumentativos como recurso coesivo de grande produtividade (CONTE, 2003).

Ciulla e Silva (2008), discute as funções das anáforas encapsuladoras tratadas em Conte (2003), a saber: integração semântica, eixo velho/novo e metadiscursividade nos atos de fala, e amplia o quadro dessas funções. Partindo

dessas discussões, a autora sintetiza as funções dos processos anafóricos, dentre os quais estão incluídas as anáforas encapsuladoras:

- **organização:** mudando e inaugurando tópicos que fazem progredir o discurso; em geral, associam-se à avaliação, muitas vezes através de encapsuladores;

- **explicitação do tipo de discurso ao qual apelam ou de um determinado valor de julgamento;** os processos anafóricos frequentemente servem para persuadir o interlocutor a compartilhar de julgamentos (no caso dos contos, com o narrador ou com os personagens);

- **introdução de informações novas:** esclarecendo ou especificando informações sobre um objeto, ao retomá-lo, promovendo novas categorizações;

- **promoção de efeitos estético-estilísticos:** nos contos, através da reconstrução da perspectiva de personagens, alternando com a do narrador, através de categorizações que permitem conhecer o estado cognitivo dos locutores em questão; estão envolvidas, aqui, a marcação da heterogeneidade discursiva, a promoção da intersubjetividade, através do engajamento do leitor na cenografia e, além disso, esses recursos permitem recriar o mundo ficcional. (CIULLA E SILVA, 2008, p.192)

A autora ressalta ainda que a função de organizar se relaciona com a subjetividade, pois ela permite a localização espacial e temporal dos referentes. Enfim, o encapsulamento é um fenômeno lexical de integração semântica, no qual um sintagma nominal ou um pronome demonstrativo desempenha uma função não resumitiva de uma porção textual, mas uma estreita relação entre os sentidos que construímos no discurso.

Outro ponto que ressaltamos é o fato das anáforas encapsuladoras aparecerem em “pontos nodais” no texto (CONTE, 2003, p. 185). Isso, segundo Ciulla e Silva (2008), está ligado à função de organizar as partes do texto. Sendo assim, funcionam como recurso de interpretação intratextual, que resumem porções textuais, e dão pistas que permitem ao leitor a interpretação das informações encapsuladas por uma expressão anafórica, no caso a anáfora encapsuladora.

Assim, as escolhas dessas formas de referir utilizadas quando escrevemos ou organizamos o discurso não são feitas aleatoriamente, pois elas corroboram para

as relações intersubjetivas² presentes na comunicação, seja escrita ou oral, sendo, assim, reveladoras da “atitude do autor, em relação ao conteúdo proposicional, quanto em relação aos leitores” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 137).

Nas palavras de Marcuschi (1991, *apud* KOCH; ELIAS, 2006, p. 88), não existem anáforas neutras, já que elas dependem da escolha do leitor. Por isso, têm uma carga cognitiva e emotiva do produtor/leitor que são construídas através de “uma ação de parceria, em um processo interacional, cognitivo, socialmente situada” (ZAMPONI, 2005, p. 173), assim, ao fazer referência a algo mencionado, selecionamos meios para qualificá-lo.

Essa revisão bibliográfica forma o aparato teórico para a análise do *corpus* e discussão dos resultados desta investigação. Antes de passar a isso, faremos algumas observações a respeito do gênero textual artigo de opinião, que será escopo para o trabalho.

2.6 ARTIGO DE OPINIÃO: UM GÊNERO DISCURSIVO

Nesta subseção, faremos algumas considerações acerca do conceito de gênero textual. Bakhtin (1997) define gênero discursivo como um tipo relativamente estável de enunciado e aborda suas esferas de conteúdo, estilos e formas. Esse enunciado refletiria as condições específicas e as finalidades das esferas da atividade humana que estão relacionadas com a utilização da língua.

Bakhtin (1997) fala das inúmeras possibilidades de interação nas mais variadas atividades sociais: vendendo, comprando, trabalhando, brincando etc. Os gêneros se constituem como instrumentos utilizados para a realização dessas práticas e apresentam determinadas características que os distinguem uns dos outros: conteúdo temático, estilo e estrutura. A escolha de um determinado gênero textual está ligada às instâncias sociais de uso, que envolvem as necessidades imediatas do sujeito, os objetivos e efeitos pretendidos e as convenções que regula cada esfera comunicativa.

² Relações intersubjetivas são relações entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Intersubjetividade>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

Para Bakhtin (1997, p. 281), os discursos são produzidos de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem, por exemplo, a escola é um lugar em que atuamos em diferentes esferas de atividade. Cada esfera nos exige uma forma específica de atuar com a linguagem.

Para o autor, distinguir os gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, pois com essa distinção “a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeria seus aspectos essenciais” (BAKHTIN, 1997, p. 282). Sendo assim, o conhecimento desses dois tipos de gênero possibilita ao pesquisador assimilar as particularidades dos gêneros e a variedade de discurso sem o risco de ter uma análise, nas palavras do autor, formalista e abstrata, que desvirtua a interacionalidade entre a língua e suas práticas sociais.

Em termos bakhtinianos, um gênero pode ser estruturado em torno de três aspectos que são indissociáveis: o do conteúdo (o que é dizível por meio do gênero), do estilo (configurações específicas das unidades de linguagem em uma dada esfera de comunicação) e o da estrutura composicional (estrutura particular de cada gênero). O autor salienta ainda que esses aspectos são instrumentos que legitimam a prática discursiva dos gêneros discursivos nos diversos domínios discursivos, esses aspectos são a base, na qual se constrói qualquer gênero, pois eles possibilitam ao autor/leitor identificar as especificidades que compõe os gêneros, e as que os diferenciam.

Nas subseções seguintes, discutiremos a definição de cada um desses aspectos, apesar de não ser aspectos apesar de não serem foco na análise e identificação dos traços linguísticos, pertinentes aos recursos ora observados nos textos analisado, mas necessários ao entendimento do conceito de gênero do discursivo adotado nesse estudo.

2.6.1 Conteúdo temático do artigo de opinião

O gênero artigo de opinião está agrupado aos gêneros de argumentação, sendo assim, em sua produção, buscamos sempre chegar a um posicionamento diante de questões polêmicas, pela sustentação de uma ideia, negociação de tomada de posições, aceitação ou refutação de argumentos apresentados, pois “quando construímos nosso discurso, sempre conservamos na mente o todo do nosso

enunciado, tanto em forma de um esquema correspondente a um gênero definido como em forma de uma intenção discursiva individual” (BAKTHIN, 1997, p. 310).

Segundo as colocações do autor, são os gêneros que tornam o conteúdo temático comunicável e levam em consideração o uso da língua nos mais variados contextos comunicativos, que são convencionados socialmente, sendo que se efetivam por meio de estruturas relativamente estáveis, mas não impõem restrições quanto à utilização de recursos léxico-gramaticais, pois essa dimensão social exige que consideremos as condições de produção.

2.6.2 Estilo do artigo de opinião

O discurso argumentativo presente no artigo de opinião tem como finalidade a persuasão ou o convencimento do interlocutor, com intenções de que ele compartilhe uma opinião ou realize uma determinada ação.

Sendo assim, ao escrevermos um texto, devemos organizar nossas ideias de maneira que se tenha uma sequência, uma conexão entre as partes, formando um sentido geral no texto, utilizando para isso uma linguagem objetiva, de preferência com frases curtas, escrito geralmente com predominância de linguagem formal, por que:

[o] estilo depende do modo que o locutor percebe e compreende seu destinatário, e do modo que ele presume uma compreensão responsiva ativa. Tais estilos revelam com muita clareza a estreiteza e os erros da estilística tradicional que tenta compreender e definir o estilo baseando-se unicamente no conteúdo do discurso (no nível do objeto do sentido) e na relação expressiva do locutor com esse conteúdo. (BAKTHIN, 1997, p. 324)

Para o autor o conceito de estilo está ligado ao de gênero do discurso, ou seja, o estilo é um dos elementos constitutivos do gênero e se configura como um processo de seleção operada nos recursos da língua sejam eles recursos lexicais, semânticos ou gramaticais.

Dessa forma, estilo é individual e coletivo ao mesmo tempo: coletivo porque falamos sempre dentro de um gênero, individual, pois se concretizam em enunciados que, como unidades reais de comunicação, são assumidas por falantes,

por indivíduos marcados por sua singularidade. É essa dinâmica própria do plano discursivo que confere mobilidade a estrutura composicional dos gêneros.

2.6.3 Estrutura composicional do artigo de opinião

O artigo de opinião pode ser considerado como um gênero no qual se defende um ponto de vista a respeito de determinado tema, geralmente polêmico, apresentando novas análises, perspectivas e ideias sobre esse tema, apresentando uma argumentação a favor ou contra. Para isso, o produtor deve ser capaz de identificar o destinatário, o veículo, aprender a hierarquizar os argumentos para compor o texto, para que seja possível para leitor traçar sua estrutura: introdução, desenvolvimento e conclusão, sem maiores dificuldades. Vejamos exemplo da estrutura composicional do gênero artigo de opinião:

Quadro 3: Estrutura composicional do gênero artigo de opinião.

TEMA	Aquecimento global
TESE	O poder de consumidor, a conscientização das empresas e o governo através da força da lei estão tentando reverter esse processo.
1º ARGUMENTO	A preferência do consumidor por produtos ecologicamente eficientes
2º ARGUMENTO	As empresas diminuem os problemas ambientais
3º ARGUMENTO	O governo cria leis e multas para diminuir a intensa destruição das matas e florestas
CONCLUSÃO	Portanto, nota-se que todos os três setores da sociedade estão engajados em diminuir o aquecimento global.

Fonte: Exemplo extraído de Ribeiro (2010).

Observando o gênero artigo de opinião, podemos destacar alguns elementos presente em sua estrutura que estão ligados ao desenvolvimento temático: apresentam comentários, avaliações, expectativas sobre um tema da atualidade; segue uma linha argumentativa que se inicia com a identificação do tema em questão, acompanhado de seus antecedentes e alcance, e que segue com uma tomada de posição, isto é, com a formulação de uma tese; em seguida, apresenta os diferentes

argumentos de forma a justificar essa tese; para encerrar, apresenta uma reafirmação da posição adotada no início do texto.

Nos últimos dois séculos, de acordo com Marcuschi (2005), o avanço das novas tecnologias da comunicação fizeram emergir novos e variados gêneros textuais. Assim, saber utilizar-se dos diversos gêneros textuais que circulam socialmente não só amplia as competências e as habilidades de ler e escrever dos alunos, mas também lhes aponta as inúmeras formas de participação social que eles podem ter com o uso da linguagem.

Schneuwly e Dolz (2004), postulam que os gêneros são representações da realidade, que transpõem a heterogeneidade das práticas sociais, das quais são emergentes seus usos sociais. Esses teóricos ressaltam que esse recurso deve ser explorado didaticamente, mas essa abordagem deve ser voltada para a função social que ele assume nas diversas situações sociocomunicativas, pois é um gênero que permite a formação de cidadãos críticos. Reiterados na classificação de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), apresentamos o agrupamento de gêneros textuais:

Quadro 4: Agrupamento dos gêneros textuais.

DOMÍNIOS SOCIAIS DE COMUNICAÇÃO	
ASPECTOS TIPOLOGICOS	CAPACIDADES DE LINGUAGEM
Narrar	Mimese da ação
Relatar	Discurso de experiências
Argumentar	Sustentação, refutação de tese
GÊNEROS TEXTUAIS	
Cultura literária ficcional	
Documentação e memorização das ações humanas	
Discussão de problemas sociais controversos	

Fonte: Dolz e Schneuwly (2004).

Tomando por base os postulados desses autores, a dinâmica efetivação dos gêneros e as várias funções sociais desempenhados por esses instrumentos de

comunicação social. Devemos colocar os gêneros como: ponto de partida, no processo de ensino/aprendizagem, para a análise linguística, uma vez que, ao trabalhar um gênero na escola, temos como objetivo ensinar habilidades linguísticas e discursivas necessárias, tanto à produção como à compreensão. Mas, essa abordagem não pode perder o foco de estabelecer a relação entre esses instrumentos e as práticas sociais nas quais se efetivam.

Reconhecendo a necessidade de elaboração de modelos didáticos de gêneros, Schneuwly e Dolz (1997, p. 7) propõem uma revisão dos gêneros escolares a partir da aplicação de três dimensões essenciais, a saber: “os conteúdos, os elementos estruturais e as configurações específicas de cada gênero”.

A aplicação de qualquer uma dessas dimensões não é independente das outras, e a profunda imbricação entre elas constitui uma das dimensões da constituição do objeto escolar. Sabemos que nem todos os gêneros são trabalhados com frequência na escola, em especial, o artigo de opinião. Acreditamos que isso se deve ao fato de a produção desse gênero exigir conhecimentos mais elaborados para que o aluno possa argumentar, ou seja, emitir sua opinião em um texto de forma ordenada e clara. Isso não é uma tarefa fácil, mas deve ser desenvolvida pela escola desde cedo.

Partindo da premissa de que, quando dominamos um gênero textual, não dominamos a forma linguística desse gênero, mas, sim, a forma na qual ele se realiza linguisticamente, com objetivos específicos em situações sociais cotidianas e formais. Marcuschi (2008) define, de forma sistemática, os termos tipo textual, gênero textual e domínio discursivo, enfatizando que essas definições possibilitam entender os termos e sua utilização na escola, pois,

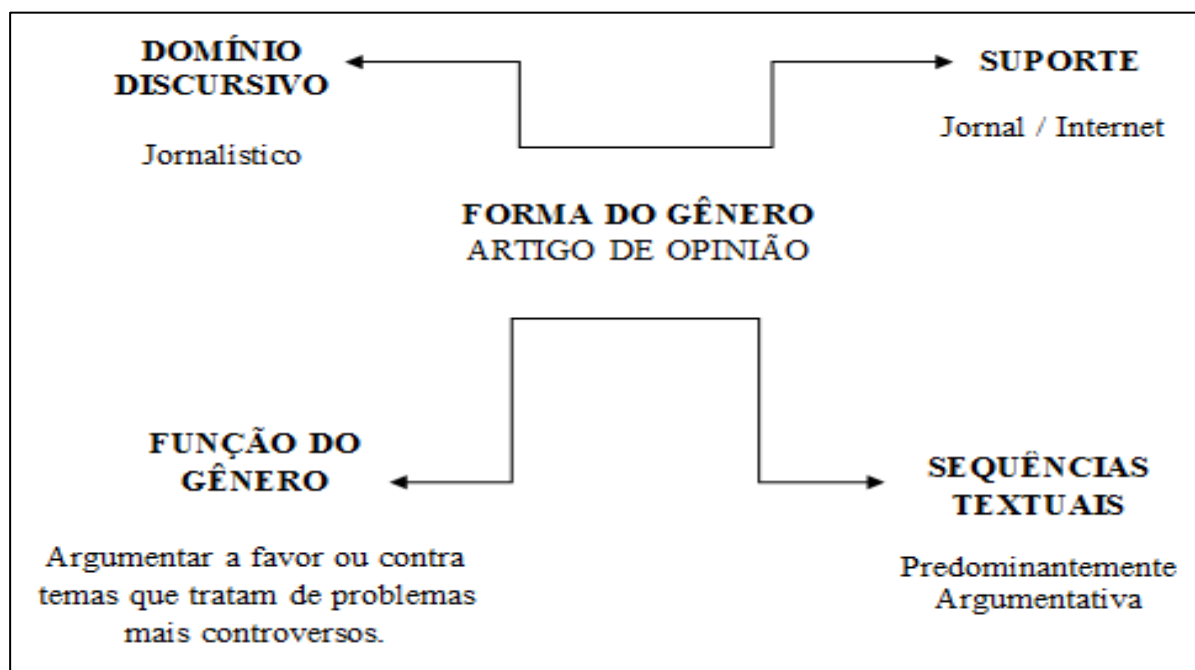
[a]s definições [...] seguem de perto a posição bakhtiniana. Assim, para a noção de tipo textual, predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadora; e para a noção de gênero textual, predomina os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção sócio histórica. No caso do domínio discursivo, não lidamos com texto, [...]. Mas seguramente, sua definição deveria ser na base de critérios etnográficos, antropológicos, sociológicos e históricos. (MARCUSCHI, 2008, p. 158)

Com base nos postulados do autor, traçamos o diagrama que se segue para ter uma visão geral do gênero em estudo, sabemos que é importante distinguir com clareza domínio, função e forma, pois como já vimos os gêneros textuais emergem das práticas sociais, por isso, são dinâmicos e flexíveis.

Tomemos por exemplo o artigo de opinião que, apesar de ser do domínio jornalístico, está muito presente nas escolas, e é utilizado como ferramenta de práticas de linguagem fora da escola. Ele é trazido para a escola e adaptado no intuito de capacitar o aluno para interagir socialmente através dele, nas situações em que seja necessário. Este é um dos postulados tanto dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, quanto das Propostas de ensino de Língua Portuguesa lançados a partir dos anos noventa.

Com base nos postulados de Marcuschi (2008, p. 155-196), construímos o diagrama que comporta todas as dimensões que envolvem o gênero textual artigo de opinião.

Diagrama 2: Categorias do gênero artigo de opinião.



Fonte: baseado em Marcuschi (2008).

Este gênero textual, no contexto escolar, configura-se como um poderoso mecanismo de aprendizagem, pois possibilita que o professor trabalhe os aspectos ligados à prática comunicativa em situações reais e os aspectos linguísticos

relacionados ao esquema global (coerência) e a ligação dos argumentos através de conectivos que garantem sua integração (coesão). Ambos os aspectos são trabalhados em virtude da intencionalidade informativa do produtor do texto.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 11), toda introdução do gênero na escola faz dele, necessariamente, um gênero escolar, uma variação do gênero de origem, o que muda são os tipos e graus de variação. Sendo que essa mudança é própria dos processos de interação comunicativa, por exemplo, o artigo de opinião presente em jornais, apesar de manter estreita relação com o subgênero escolar, detém características que lhe são peculiares que condizem com os propósitos comunicativos.

Para Marcuschi (2005, p. 24-25), esse aspecto juntamente com o meio de circulação e a funcionalidade predominam na ação prática na qual utilizamos os gêneros textuais, que são efetivados em grandes esferas da atividade humana, ou seja, nos domínios discursivos.

Essa revisão bibliográfica constitui o amparo teórico para o estudo e análise da anáfora encapsuladora no *corpus* desse trabalho. Antes de passar a isso, faremos a exposição dos aspectos metodológicos da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Nessa subseção, descrevemos a metodologia de análise adotada para o estudo da ocorrência da anáfora encapsuladora no gênero artigo de opinião, apresentamos os procedimentos metodológicos empregados na condução da pesquisa. Aqui, são descritos o tipo de pesquisa, os sujeitos pesquisa, a constituição do *corpus*, os procedimentos de coleta e seleção dos dados, procedimentos de análise e discussão dos dados.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Baseados nos estudos de Gonsalves (2001), consideramos a pesquisa como sendo descritiva qualitativa, pois visa descrever as características de um objeto de estudo, o uso das anáforas encapsuladoras, e é qualitativa por que busca, através das interpretações dadas ao *corpus* de análise (textos produzidos nas aulas de produção textual), compreender as razões pelas quais os eventos comunicativos acontecem nas produções dos alunos do 9º ano - Ensino Fundamental.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

No intuito de alcançar nossos objetivos, coletamos dados nas aulas de língua portuguesa em uma escola do município de Potiretama e contamos com o apoio dos alunos no 9º ano que nos permitiram coletar dados em suas produções textuais.

A escola conta com duas salas do 9º ano do Ensino Fundamental com um total de 50 alunos no turno vespertino, em sua maioria, oriundos da zona rural do município. Observando o nível de desempenho dos alunos nos exames nacionais relativos à leitura e à produção nos dois últimos anos em sua maioria obtiveram índice de proficiência abaixo do adequado para alunos que estão concluindo o ensino fundamental.

3.3 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por dez textos de opinião, escritos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Potiretama. O trabalho de produção dos textos que constituem o *corpus* resultou da observação realizada em sala de aula durante as aulas de produção textual. Foi realizada uma sequência didática, considerada “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.97).

De acordo com os autores, a sequência didática tem por finalidade possibilitar ao aluno a realização de tarefas em etapas que envolvem a produção de determinado gênero e o modelo de trabalho segue quatro fases: apresentação da situação - nessa fase se define a modalidade (oral ou escrita) e o gênero a ser abordado; produção inicial - primeira atividade de produção; módulos - elaborados a partir das dificuldades dos alunos; e produção final - reescrita e análises das produções dos alunos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 98).

A aplicação do instrumento de intervenção - sequência didática - implicou a realização de diversas atividades elaboradas especificamente para este estudo. A princípio, houve a apresentação da situação de produção do gênero com os alunos em sala, fizemos uma primeira abordagem sobre o gênero textual artigo de opinião. No primeiro momento, realizamos a leitura do material que tratava da temática *bullying* com vídeos, slides, entrevistas, filmes para dar subsídios para a produção textual. Após esse momento, os alunos foram orientados a realizar a produção do artigo de opinião. Para isso, lançamos uma questão para a turma: “*Bullying* na escola, violência ou simples brincadeira?”. Esse tema foi considerado uma boa escolha, uma vez que esta é uma temática muito presente na escola e faz parte do cotidiano dos alunos.

Dando seguimento a sequência didática, foram realizados três módulos: o primeiro módulo – “Conhecendo o texto de opinião”, com finalidade de propiciar ao aluno o contato com a estrutura dos textos de opinião; o segundo módulo – “Elementos coesivos no gênero argumentativo”, no qual os alunos observaram e analisaram os elementos coesivos na produção textual a partir da reflexão sobre o

efeito de sentido desses elementos na compreensão do texto de opinião; e terceiro módulo – “Construindo a argumentação”, em que vimos o uso da anáfora encapsuladora.

Na última fase da sequência didática, de posse dos conhecimentos adquiridos nos módulos, os alunos realizaram a revisão do texto escrito na produção inicial. De posse dos textos, fizemos a leitura de todos os textos produzidos pelos alunos e delimitamos o *corpus* de análise a dez produções por entendermos ser mais produtivo para nosso estudo.

Após esse momento, passamos às análises dos dados. Os textos foram numerados e transcritos na íntegra, destacando em negrito as anáforas encapsuladoras. Organizamos primeiro uma análise quantitativa das ocorrências da anáfora encapsuladora, seguida de uma análise qualitativa que tem como objetivo avaliar as funções discursivas que as anáforas encapsuladoras desempenham na produção textual do gênero artigo de opinião.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi constituído um conjunto de dados composto a partir da observação das produções textuais, nas quais verificamos a ocorrência dos itens anafóricos considerados anáforas encapsuladoras.

Seguindo ainda a proposta classificatória de Cavalcante (2003), consideramos as anáforas encapsuladoras como um tipo de anáfora com característica híbrida que as situa entre os dois outros tipos, pois fazem remissão a elementos presentes no texto como as indiretas, mas não possuem um antecedente específico como as diretas. Considerando essa definição, utilizamos os critérios apontados por Conte (2003), para analisar as ocorrências:

- a) Fazer remissões a porções textuais anteriores ou posteriores, sem antecedente específico, resumindo-as;
- b) Abrir espaço para relacionar informações já mencionadas sem repeti-las, indicando a linha argumentativa defendida;

- c) Garantir a integração semântica entre as sequências, permitindo o fechamento da informação anterior, por meio de sintagmas nominais ou pronominais, e abrir espaço para o acréscimo de novas informações e/ou argumentos.

Seguindo esses critérios, também classificamos as ocorrências da anáfora encapsuladora, levando em consideração a proposta classificatória de Cavalcante (2003), que considera como expressões referenciais todas as formas de designação dos referentes, as quais se diferenciam pelo modo como o enunciador pretende que eles sejam identificados e interpretados. A autora faz a subdivisão das anáforas encapsuladoras em três tipos, a saber:

- a) Anáforas encapsuladoras formadas por pronome demonstrativo;
- b) Anáforas formadas por sintagma nominal;
- c) Anáforas encapsuladoras formadas por dêiticos discursivos.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Por último apresentamos uma análise predominantemente descritiva-qualitativa, com base nos estudos de Conte (2003), Cavalcante (2003) e Ciulla e Silva (2008). Nela, procuramos explicitar o efeito de sentido que a anáfora encapsuladora constrói na dinâmica discursiva, apontamos as funções discursivas que essa estratégia de referenciação desempenha na construção da argumentação nas produções analisadas.

Considerando, assim como Ciulla e Silva (2008), a diversidade não excludente dessas funções, buscamos demonstrá-las no gênero artigo de opinião, tendo em mente que não são classificações fechadas, mas possibilidades, ou seja, as anáforas encapsuladoras podem desempenhar várias funções simultaneamente, a seguir as principais funções identificadas por Ciulla e Silva (2008):

- a) Organização de partes do texto;
- b) Metadiscursividade;

- c) Introdução de informações novas;
- d) Promoção de uma busca/ativação da memória;
- e) Promoção de efeitos estético-estilísticos;
- f) Marcação da heterogeneidade discursiva.

Baseados nessa perspectiva de análise, realizamos a identificação dos itens anafóricos encapsuladores, em seu aspecto situacional e textual, que envolve o conhecimento de mundo compartilhado entre seus interlocutores.

Para fins de análise, apresentaremos os textos escritos pelos alunos por meio de quadros que obedecem a uma sequência numérica para a conferência dos dados em análise, destacando as anáforas encapsuladoras. A análise está organizada da seguinte forma:

- a) Apresentação do texto a ser analisado;
- b) Identificação da anáfora encapsuladora e da porção encapsulada;
- c) Comentário sobre o texto, considerando a estrutura organizacional e papel da anáfora encapsuladora na produção do texto e o efeito de sentido que ela assume na argumentação.

4 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS E A PRODUÇÃO TEXTUAL

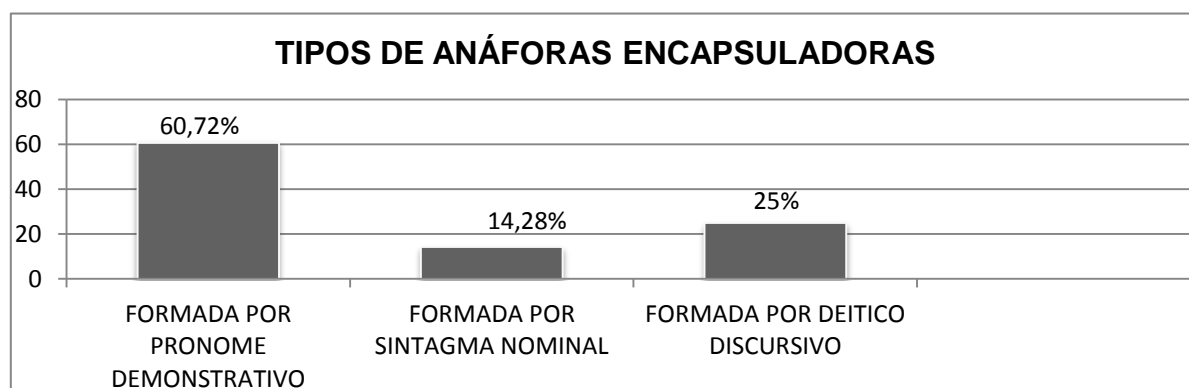
Nesta seção, examinamos como se dá o processo de referenciação no gênero artigo de opinião. Focamos a questão das “funções discursivas”, com base em Ciulla e Silva (2008), das anáforas encapsuladoras. Com esta análise, buscamos destacar que o uso da anáfora encapsuladora no gênero artigo de opinião auxilia o produtor do texto na construção da argumentação e na compreensão do sentido, a partir da observação do papel que essa anáfora desenvolve dentro da produção textual do gênero ora estudado.

A pesquisa em questão está ancorada nas propostas que tratam a referenciação e a anáfora como fenômenos discursivos, por isso, nossa investigação se detém ao processo de referenciação, que se estabelece por meio das AE³, não nos detemos a questões relacionadas à ortografia, pontuação, concordância etc.

Para analisar, partimos da perspectiva de que esses referentes operam uma sumarização/resumo de proposições textuais, empacotando-as numa expressão referencial que pode ser formada por um pronome demonstrativo ou por um sintagma nominal, que fazem algum tipo de remissão, mas não retomam referentes específicos no co(n) texto (CAVALCANTE, 2003, p. 109).

Sintetizamos as ocorrências de AE do material analisado para dar uma visão geral do número de ocorrências e demonstrar quais foram os tipos que mais os alunos utilizaram, pois consideramos que isso demonstra como a escola, em especial, o professor de Língua Portuguesa, aborda e trabalha esses conceitos.

GRÁFICO 1: Distribuição das ocorrências das anáforas encapsuladoras presentes nos artigos de opinião produzidos pelos alunos do 9º ano Ensino Fundamental.



³ A partir desta seção utilizaremos a sigla AE para nos referir à anáfora encapsuladora.

Conforme dados apresentados acima, percebemos a preferência pela utilização de pronomes demonstrativos. Essa é uma tendência apontada por Conte (2003, p.183). Para a autora há certa preferência pelo uso de demonstrativo na construção referencial, pois “apresenta um objeto novo ao leitor, ou o põe em foco” possibilitando a localização da porção textual antecedente no cotexto imediato.

A maioria das anáforas é formada por pronome demonstrativo e tem como encapsulador o pronome “ISSO”. Segundo Ciulla e Silva (2008, p. 122), “alguns autores consideram que essa recorrência traz uma carga negativa”. Mas, a autora pondera que, ao estabelecer o processo de referenciação, devemos atentar para certas restrições, não como “padrões normativos impostos, [...] mas pelas restrições da gramática como conjunto de regras que definem a própria língua” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 122).

A autora aponta essas restrições como sendo partes integrantes de recursos de que os falantes podem dispor de maneira criativa para produzir novos sentidos. Mesmo por que o pronome demonstrativo “ISSO” em cada situação discursiva pode assumir mais de uma função, vejamos o exemplo abaixo:

1 Atualmente, o bullying é muito praticado por estudantes, na maioria das vezes
2 por classe social, raça e cor, muito desses agressores, acham que apenas estão se
3 divertindo com os outros, e que **isso** não será prejudicial a ninguém. O agressor
4 muitas vezes vai com racismo, e **isso** causa um constrangimento, causando assim
5 uma briga entre eles, que por fim poderá acabar até em morte.
(Artigo de Opinião - 01) (grifos nossos)

A expressão referencial encapsuladora “ISSO”, tanto no primeiro quanto no segundo caso, remete aos trechos anteriores e posteriores simultaneamente e, portanto, assume mais de uma função.

No primeiro caso, a AE inicia o último tópico discursivo e abre espaço para a conclusão do argumento apresentado no tópico anterior: “muito desses agressores,

acham que apenas estão se divertindo com os outros” (Artigo de Opinião-01), fazendo, assim, remissão a essa proporção anterior e concluindo que os agressores praticam o *bullying* por achar que não é prejudicial a eles ou às vítimas.

Dessa forma, o encapsulador assume duas funções distintas, mas não excludentes: organiza as partes do texto e permite a inserção de informações, no caso do artigo de opinião, a introdução de argumentos que enfatizam a tese de quem pratica o *bullying* comete uma violência e isso não é diversão.

Caso semelhante, observamos no segundo caso, no qual a AE inicia o segundo tópico discursivo: “causa um constrangimento, causando assim uma briga entre eles, que por fim poderá acabar até em morte” (Artigo de Opinião-01). Isso serve de argumento para o fato tratado no primeiro tópico, portanto, ao passo que organiza as partes do texto, também introduz argumentos para enfatizar que ser racista traz consequências negativas como: “constrangimento”, “briga” e até “morte”, ou seja, acrescenta informações que ratificam a tese de que *bullying* é uma violência.

Portanto, fica claro que a AE formada por pronome demonstrativo, assim como outros casos, desempenha mais de uma função, pois, atua discursivamente como um princípio organizador, introduzindo informações, ao passo que retoma proporções textuais anteriores, cumprindo, assim, o papel de auxiliar na organização do texto, na previsão de informações e, no caso analisado, oferece um “viés argumentativo” (CIULLA E SILVA, 2008).

Conforme as premissas apontadas até agora, abordamos as AE como objetos que se constroem no discurso, sendo assim, desempenham funções discursivas diversas na construção textual. Essas possibilidades de uso das AE auxiliam na compreensão e interpretação do texto.

Partindo desses princípios, apresentamos nas subseções seguintes os resultados de nossa pesquisa de forma mais detalhada, descreveremos nossos achados. Com base na proposta descritiva de Ciulla e Silva (2008), segundo a qual os processos anafóricos, nos quais estão incluídas as AE, aparecem associados a funções que sintetizamos no quadro abaixo para termos uma visão geral dessa proposta.

Quadro 5: Funções discursivas dos encapsulamentos anafóricos.

Organização de partes do texto	Inaugurar. Mudar e integrar tópicos - antecipar informações/manter informações em suspenso - salientar um referente- orientar a localização de um referente no espaço/tempo.
Apelo a um tipo de discurso	Atualizar conhecimentos - especificar por meio de uma sequência hiperônimo/hipônimo
Introdução de informações novas	Fornecer explicações com fins definicionais e/ou didáticos.

Fonte: Ciulla e Silva (2008, p. 102-103).

Não observamos, no caso específico do artigo de opinião escolar, todas as funções apresentadas na proposta da autora, mas buscamos explicitar as relações entre as funções observadas e a construção do gênero, enfatizando que esta não é uma proposta de regras, mas um “indicativo de possibilidades de combinação” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 163).

4.1 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS E ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA

Nesta subseção, descrevemos a distribuição das anáforas encapsuladoras como princípio organizador do texto. Buscamos demonstrar por meio de exemplos como o uso do encapsulamento permite a organização do fluxo informacional entre as sequências discursivas.

Nos artigos de opinião, as anáforas foram utilizadas para demarcar os tópicos discursivos e tinham por finalidade: inaugurar, mudar, integrar os tópicos. Outra função que observamos foi a de antecipar e manter informações, bem como no caso das AE. Podemos particularizar o fato de ativar a memória para localizar uma porção textual encapsulada (CIULLA E SILVA, 2008), a essas acrescentamos a subfunção encerrar o tópico discursivo.

No início de um tópico, a AE recupera informações/argumentos anteriores, abre espaço para que outras sejam alocadas, ou seja, ao mesmo tempo em que recupera porções textuais, o encapsulador é o ponto de partida para a apresentação de argumentos que reforçam a tese defendida pelo aluno no texto.

Vejamos o exemplo do Artigo de Opinião-08, no qual comprovamos essa finalidade da anáfora encapsuladora:

1 De principio tenho a opinar que, a partir do momento que uma simples brincadeira
 2 começa a ferir a tal pessoa escolhida, **isso** já é transformado em um conceito denominado
 3 bullying, que para mim é uma falta de respeito com as pessoas, fico indignado com essa
 4 ação tão covarde. Tudo bem que nem sempre quem tá praticando bullying se toca **disso**,
 5 mais na realidade é bem ao contrario, pois muitas pessoas sentem prazer em humilhar uma
 6 outra pessoa só porque ela a acha diferente. **Isso** é feio, muito feio, prisão perpetua para a
 7 pessoa que faz **uma estupidez** é pouco, merece sentir na pele quanto é ruim ser humilhado
 8 por pessoas sem um pouquinho se quer de caráter, de paixão ao próximo, tente mudar essa
 9 situação não pratique bullying, e denuncie quem praticar. Faça sua parte seja do bem, o
 10 mundo agradece SAVE THE LIFE.

(Artigo de Opinião-08) (grifos nosso)

Nesse exemplo, o objetivo do autor é provar que pessoas que sente “prazer em humilhar outra pessoa só porque ela a acha diferente” (linhas 6-7) se configura como uma atitude negativa, e para fazer a ligação entre esses dois argumentos utiliza o pronome demonstrativo “isso” (linha 6), para recuperar a porção textual anterior e afirmar que o caráter negativo que elas têm: é “feio”, “muito feio” e pede “prisão perpetua” para quem pratica o *bullying* que, no seu ponto de vista, é “uma estupidez”. Para prová-lo, enumera uma série de argumentos desfavoráveis a essa prática.

Assim, o autor utiliza a AE para iniciar o tópico discursivo, ela passa a funcionar como princípio organizador por que faz remissão a argumentos anteriores, e introduz novos argumentos para enfatizar a tese de que o *bullying* é uma violência. Essa função foi tratada por Conte (2003) como integração semântica, a autora diz que, quando o encapsulador anafórico inicia o tópico discursivo, funciona como um subtítulo que, simultaneamente, interpreta as informações precedentes e funciona como ponto de partida para um novo.

Outro aspecto que observamos na AE como organizador foi sua utilização para mudar o tópico discursivo. Nesse caso, remete a porções textuais mais próximas, exercendo a função mais resumitiva de argumentos antecedentes. Esse aspecto fica evidenciado no exemplo a seguir:

1 O bullying é uma brincadeira que se transforma em violência. Ele é um tipo de
 2 discriminação, mas também uma violência, que pode trazer **vários traumas** para a
 3 pessoa que sofre.
 4 Geralmente começa com uma brincadeira de mau gosto e vai se transformando em
 5 agressões verbais e pode até vir à violência física. Pessoas que não têm dignidade
 6 ou até mesmo respeito pelo próximo, não têm a menor preocupação em praticar
 7 esse tipo de violência, pois, ele simplesmente quer matar o seu desejo de machucar
 8 profundamente as pessoas, sem ao menos pensar, se **isso** pode lhe causar algum dano
 9 ou até mesmo as pessoas que lhe rodeiam.
 10 Acredito que **essas pessoas** querem apenas atenção e por não conseguirem,
 11 agredem as pessoas sem pelo menos saber o que elas passam dentro de casa, sem ao
 12 menos saber dos seus problemas. **Isso** acaba transformando a pessoa que sofre **esse**
 13 **tipo de agressão** em um assassino, um maluco, um viciado. Acabando
 14 completamente com seus sonhos, sua vida, deixando apenas trauma e o vazio dentro
 15 do seu coração.
 (Artigo de Opinião-07) (grifos nossos).

Observando as AE destacadas, podemos notar que elas sempre iniciam o tópico discursivo e remetem a porções mais próximas do texto funcionando como um subtítulo que simultaneamente interpreta as informações dadas e serve de ponto de partida para que sejam acrescentadas outras informações. Sendo assim, elas contribuem para a construção global da argumentação, pois o encapsulador “isso” (linha 12) permite a inserção de novas informações, resumindo-as. Mas remete apenas a porção textual: “Acredito que essas pessoas querem apenas atenção e por não conseguir, agredem as pessoas sem pelo menos saber o que elas passam dentro de casa, sem ao menos saber dos seus problemas” (linhas 9-10-11), contribuindo para a progressão temática do texto.

Outra função observada diz respeito à utilização de uma AE para antecipar ao leitor informações - predição -, e ao mesmo tempo mantê-las em suspenso. Para Ciulla e Silva (2008, p. 80), essas duas funções são “especificações da função de organização”, vejamos um exemplo:

1 O bullying pode causar **vários problemas** para as vítimas dessa violência, pois o
 2 bullying não é uma simples e inocente brincadeira.
 3 As pessoas que sofrem bullying elas sempre começam a agir diferente, ou a
 4 ficar violentas, além de traumas de frequentar os lugares como a escola, a festas
 5 a se encontrar com os amigos. Muitas vezes essas vítimas elas sofrem muito tempo
 6 dessa violência e chegam a um estado insuportável e praticam violências contra
 7 os agressores e chega até a matar ou praticar o suicídio.
 8 O bullying é uma violência inaceitável que deve ser combatida, e os indivíduos
 9 que pratica essa violência tem que ser punidos, as vítimas dessa violência seja
 10 na escola ou em qualquer lugar precisa de ajuda e cuidados de psicólogos,
 11 a sociedade deve combater e ficar atentos para esse tipo de violência.

(Artigo de Opinião-04) (grifos nosso)

Nesse exemplo, a AE formada pelo sintagma nominal “vários problemas” (linha1) permite antecipar ao leitor que, ao longo do texto, lhe será apresentada uma enumeração de fatos que o autor categorizou como “problemas”. Esse caso em especial, demonstra a “natureza ambígua do fenômeno” (CAVALCANTE, 2003, p. 116). À primeira vista, poderíamos classificá-la como sendo direta, mas logo perceberíamos que não remete a um referente pontual no contexto. Por isso, poderia se dizer que é indireta, no entanto, não temos um referente explícito ou implícito no contexto, pois faz remissão a porções textuais.

Para Ciulla e Silva (2008, p. 98), esse tipo de encapsulamento “cumpre outras funções, no caso das expressões prospectivas fornecem um viés argumentativo”. Dessa forma, determinamos como encapsuladora, pois não tem um referente pontual, mas remete a porções textuais, que são categorizadas pelo SN, e o uso do plural altera o sentido, dando ideia de que os problemas são numerosos. Sendo assim, a AE cumpre o papel de manter “informações em suspenso” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 178).

Analisando o exemplo do texto acima, percebemos que o processo de construção da argumentação se dá basicamente pela categorização realizada pela AE “vários problemas”. Partindo dela, o autor busca evidenciar a tese de que o *bullying* é uma violência que pode causar problemas. Nos tópicos seguintes, o encapsulamento permite ao leitor fazer a enumeração desses problemas: “começam a agir diferente” (linha 3), “a ficar violentas” (linha 4), com “traumas de frequentar os lugares como a escola, a festas a se encontrar com os amigos” (linhas 4-5). Por fim,

conclui com o argumento de que as vítimas podem chegar a “um estado insuportável” e praticar atos violentos como: “matar”, “praticar suicídio” (linhas 6-7). Ou seja, ao elencar esses problemas, permite também recuperar o referente. Sendo, assim, o processo argumentativo se constrói tendo como base o sintagma nominal.

A antecipação das informações, nesse caso, presta maior negatividade aos argumentos que o autor utiliza para ratificar a tese de que o *bullying* é uma violência. Isso conduz o desenvolvimento da argumentação, pois, como bem frisa Ciulla e Silva (2008), os processos anafóricos não são construídos na base da neutralidade. Quando tomamos esses processos como construtos discursivos, portanto, dinâmicos, neles se fundem “operações cognitivas, sociais e interativas realizadas pelos falantes” (p. 72).

Observamos que a utilização da AE para encerrar os tópicos discursivos, contribui de forma mais efetiva para evidenciar o ponto de vista do autor. Mas, nessa função, a AE só permite fazer a remissão a porções anteriores, não permitindo a introdução de informações/argumentos, pois faz o fechamento dos argumentos anteriores. Sendo assim, permite a mudança do foco argumentativo. Vejamos alguns exemplos:

1 O bullying está cada vez mais apresentado nas escolas por causa de brincadeiras, ai
 2 por causa de uma simples brincadeira acaba virando uma grande violência, na qual
 3 temos que dizer NÃO a essa violência.
 4 Por meio de apelidos, a vida de uma pessoa pode se tornar uma noite de terror,
 5 ela pode ficar mal não quer ir para a aula, então brincadeira na hora certa, no dia
 6 certo, ficar dizendo que as outras pessoas são feias, gordas, com cabelos feios. **Isso**
 7 não existe porque aquele que discriminar talvez não tem o valor daquele que
 8 foi discriminado.
 9 Portanto violência não é uma brincadeira não devemos achar que apelidos é
 10 brincadeira porque ninguém gosta **disso**. O bullying nas escolas esta se tornando
 11 um sério problema para os alunos e professores nos quais são ofendidos com **essas**
 12 **brincadeiras**. Então podemos concluir que o bullying não é uma brincadeira que
 13 certos alunos chatos gostam de cometer, é uma violência em cima dos alunos,
 14 então não devemos fazer **isso** porque somos todos iguais.

(Artigo de Opinião-05) (grifos nosso)

No exemplo acima, a expressão referencial “disso” (linha 10), em forma conjuntiva, exerce uma das características apontadas por salientar porções textuais dispersas nas linhas 5 a 10, resumindo-as, sendo assim, funciona como um gancho

entre os argumentos dispersos ao longo do texto. Dessa forma, explicita uma “avaliação que o leitor já teria tido a oportunidade de proceder ele mesmo, do modo como foi descrito”, conforme Ciulla e Silva (2008, p. 168).

Nas linhas (2 e 3), isso ocorre pela definição, “simples brincadeira acaba virando uma grande violência”, pela comparação, “a vida de uma pessoa pode se tornar uma noite de terror” (linha 4-5), pela tentativa de demonstrar as consequências negativas para as vítimas “pode ficar mal não quer ir para a aula” (linha 5) e “ficar dizendo que as outras pessoas são feias, gordas, com cabelos feios” (linha 6-7), e pela ênfase dada ao ultimo argumento, “violência não é uma brincadeira não devemos achar que apelidos é brincadeira (linha 9-10).

Assim, podemos dizer que a função exercida pelo encapsulamento no final do tópico difere das demais, pois captura argumentos diversos, mas não abre espaço para a introdução de outras informações, seu uso está mais ligado à busca/ativação do referente na memória (CIULLA E SILVA, 2008, p. 169).

Caso semelhante, observamos quando a AE é formada por um dêitico discursivo, pois “ao mesmo tempo em que, no texto, são fornecidas informações [...] o leitor é convidado a fazer uma busca localizadora na memória” (CIULLA E SILVA, 2008, p.170). Vejamos alguns exemplos:

1 Atualmente, o bullying é muito praticado por estudantes, na maioria das vezes
 2 por classe social, raça e cor, muito desses agressores, acham que apenas estão
 3 se divertindo com os outros, e que **isso** não será prejudicial a ninguém.
 4 Esse ato horrível, para algumas pessoas é apenas um divertimento, mas não é,
 5 pois tanto o agressor, quanto a vítima podem se dá mal **nessa história**.
 6 O agressor 6muitas vezes vai com racismo, e **isso** causa um constrangimento,
 7 causando assim uma briga entre eles, que por fim poderá acabar até em morte.
 8 Por outro lado quando à agressão já se torna física, a vítima sai machucada, tanto
 9 por dentro, quanto por fora, e **isso** poderá causar tragédias, assim como **no**
 10 **primeiro caso**.
 11 O bullying está sendo tratado em muitos lugares, esse ato de violência tem que
 12 cabar mais para **isso** é preciso tanto a conscientização dos praticantes, quanto de
 13 seus pais, para que o mundo em si, fique melhor habitado, e melhor de se viver,
 14 em essa horrível violência.
 (Artigo de Opinião-01) (grifos nosso)

Como bem notou Cavalcante (2003), a anáfora encapsuladora pode ser formada por dêitico, posição que também assumimos para nossa análise. Ciulla e Silva (2008, p. 169) afirma que “os *dêiticos discursivos encapsuladores* têm a função de encapsular conteúdos sem dar indicações sobre a localização do referente” (grifo nosso). A autora, em sua proposta de descrição dos processos referenciais, considera a dêixis e a anáfora “como variáveis, não excluindo a simultaneidade entre si, nem entre elas e outras funções” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 62).

Analisando as ocorrências presentes no Artigo de Opinião-01, podemos dizer que a expressão “nessa história” (linha 4) orienta a localização da porção encapsulada no espaço textual, ou seja, os argumentos iniciais: “o *bullying* é muito praticado por estudantes, na maioria das vezes por classe social, raça e cor, muito desses agressores, acham que apenas estão se divertindo com os outros” (linha 3) e “esse ato horrível, para algumas pessoas é apenas um divertimento” (linha 4).

Sendo assim, a utilização da AE permite a recuperação que se dá pelo poder localizador do que consideramos dêitico. Caso semelhante ocorre na linha (9), o uso da expressão “no primeiro caso” faz remissão aos argumentos, nos quais se embasa a tese de que o *bullying* é uma “violência”, porque causa as vítimas “constrangimento”, “briga” e “até morte”. Fazendo essa recuperação, o autor alerta para o fato de os abusos cometidos pelos agressores poderem causar “tragédias”, que recuperamos como sendo (brigas, morte). A localização é favorecida pelo poder localizador causado pela AE, pois permite que o leitor recupere exatamente a porção a qual faz remissão.

Dessa forma, o uso do dêitico para localizar informações presentes no universo discursivo auxilia o leitor a compor a argumentação, essa condição confere subjetividade ao uso do dêitico utilizado para compor a anáfora encapsuladora, pois uma expressão pode ter uso dêitico sem que para isso o elemento dêitico esteja presente na expressão referencial (CIULLA E SILVA, p.56-60).

Para a autora, expressões que pressupõem o posicionamento no espaço discursivo podem ser consideradas dêíticas. O pronome “isso”, por esses casos de uso anafórico, apresenta também um uso dêitico, ou seja, observemos o caso tratado no exemplo acima, no qual a anáfora encapsuladora formada por dêitico liga,

simultaneamente, porções anteriores e abre espaços para outras predições, que só podem ser construídas com base na introdução referencial. Por isso, a autora não considera esses casos de uso dêitico à parte do anafórico, mas sim como conceitos que se sobrepõem. Assim, também consideramos, em nosso estudo.

4.2 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS E INTEGRAÇÃO SEMÂNTICA

Nesta subseção, descrevemos a distribuição das AE como princípio que permite a introdução de informações, contribuindo, assim, para a construção de sentido do texto. Buscamos demonstrar por meio de exemplos que o uso da AE permite a interpretação do fluxo informacional, forjada pela atualização de conhecimentos, pelo fornecimento de informações como também pela especificação de uma sequência (CIULLA E SILVA, 2008). Todas promovidas pela introdução desses referentes na dinâmica discursiva.

A escolha de uma expressão referencial, na qual uma porção textual será encapsulada, é fundamental para a construção discursiva dos gêneros textuais, pois é ela que permitirá ao leitor recuperar informações, que, por sua vez, servirão de base para introduzir outras informações necessárias à compreensão e à interpretação do texto. É esse mecanismo que faz com que o texto não seja um aglomerado de frases sem sentido. Vejamos alguns exemplos:

- 1 O bullying nas escolas é uma violência, pois o praticante do bullying usa não só
 2 brincadeiras, às vezes, usa também a agressão, talvez por ser mais forte, quem sofre
 3 bullying são geralmente os nerds, os gordinhos ou outros que tem algum defeito
 4 físico.
 5 Alguns alunos praticam o bullying simplesmente para que outros achem engraçado
 6 ou para se dizer o valentão mas, **isso** é uma tremenda covardia, porque todos temos
 7 que tratar o próximo como gostaríamos que tratassem a gente.
 8 Mas, para combater **esses problemas** não podemos ficar calados temos que denunciar
 9 esses covardes que se divertem com o sofrimento dos outros, pois o bullying trás
 10 problemas psicológicos para quem sofre essa vergonha.
 (Artigo de Opinião-02) (grifos nosso)

Nas linhas (5 e 6), o pronome demonstrativo “isso” encapsula o trecho anterior “alguns alunos praticam o bullying simplesmente para que outros achem engraçado ou para se dizer o valentão”, resumindo-a para que, a partir de sua colocação, introduza argumentos que justifiquem a afirmação presente no argumento

anterior, ligando esses argumentos. Isso auxilia na progressão temática do texto, pois o referente “isso” (linha 6) solicita do leitor a recuperação de porções necessárias a construção da tese defendida pelo autor. Mas, sem que seja necessário repetir os argumentos, porque o encapsulador permite a atualização do argumento apresentado anteriormente. Isso confere dinamicidade ao texto, e conseqüentemente, a construção argumentativa do gênero em estudo.

Observemos outro exemplo presente no texto, o sintagma nominal “esses problemas” empacota todos os argumentos apresentados ao longo do texto, interpretando-os como problemas causados pela prática do *bullying*. Isso promove uma “avaliação” (CONTE, 2003) com um forte poder argumentativo, que o autor utiliza para influenciar a interpretação do leitor a respeito dos fatos apresentados.

Nesse caso, um ponto a se observar é o fato de que o “valor semântico dos itens lexicais [...] exercem influencia na maneira como interpretamos a referência” (CONTE, 2003, p.89-90), ou seja, a interpretação dos referentes dependerá de fatores presentes no discurso. Isto está relacionado ao efeito de sentido construído por meio das interações promovidas pelo discurso.

- 1 As escolas deveriam ser um local aonde as pessoas vêm para estudar, trocar ideias e
 2 ao mesmo tempo conhecer outras pessoas, mas não é o que esta acontecendo, passou
 3 a ser lugar de agressão física e psicológica levando a vitima até a morte.
 4 Assim, muitas das vezes, as vitimas passam a ser ameaçadas pelos os agressores,
 5 constante mudanças em constante mudança e muitos não estão acompanhando este
 6 fluxo. **Isso** por que a cabeça das pessoas ainda está muito fechada, qualquer um tem
 7 o direito de escolher sua posição social, a sua sexualidade e não é direito de
 8 ninguém julgar.
 9 Para os agressores, eles só merecem uma reabilitação e ter conhecimento, pois
 10 quem pratica bullying nem tem o mínimo conhecimento, é baixo, covarde.
 11 Tem que haver leis mais severas para os agressores.

(Artigo de Opinião-09) (grifos nosso)

No exemplo acima, o autor faz referência ao *bullying* com a intenção de sensibilizar os interlocutores de que ele é uma violência que muitos praticam por não acompanhar o processo de “constante mudanças e muitos não estão acompanhando este fluxo” (linha 05-06), enfatizando que as pessoas que praticam essa violência não acompanham o fluxo de mudanças instantâneas na atualidade.

O autor utiliza o pronome “isso” para oferecer uma explicação para o fato tratado no tópico anterior. Para tanto, utiliza os argumentos de que quem comete esses atos o faz por que a “cabeça das pessoas ainda está muito fechada” (linhas 6-7), e enfatiza que “qualquer um tem seu direito de escolher sua posição social, a sua sexualidade” (linha 7), concluindo a argumentação com a afirmativa de que “não é direito de ninguém julgar” as escolhas individuais das pessoas (linha 8).

Para Ciulla e Silva (2008, p. 72), em casos como o apresentado, o referente remete a conhecimentos partilhados pelos interlocutores e, ao mesmo tempo, promove a introdução de argumentos novos. Sendo assim, o encapsulador “isso”, nesse caso, acumularia “características de dois grupos: o das anáforas e o das introduções referenciais”, promovendo, dessa forma, a continuidade da argumentação e fornecendo uma explicação.

Nosso foco de atenção agora recai sobre última subfunção que a AE assume quando utilizada para introduzir informações, a saber: especificar uma sequência que geralmente está associada a outras funções. Observamos que ao especificar a sequência, o encapsulador promove também a categorização do conteúdo encapsulado.

1 É uma Brincadeira que se transforma em violência. O Bullying não é só
 2 uma discriminação, mas também uma violência, que pode trazer vários traumas
 3 para a pessoa que sofre.
 4 Geralmente começa com uma brincadeira de mau gosto e vai se transformando
 5 em agressões verbais e pode até vim à violência física. Pessoas que não tem dignidade
 6 ou até mesmo respeito pelo próximo, não tiver a menor preocupação em praticar esse
 7 tipo de violência, pois, ele simplesmente quer matar o seu desejo de machucar
 8 profundamente as outras pessoas, sem ao menos pensar, se **isso** pode lhe causar
 9 algum dano ou até mesmo as pessoas que lhe rodeiam.
 10 Acredito que **essas pessoas** querem apenas atenção e por não conseguir, agridem
 11 as pessoas sem pelo menos saber o que elas passam dentro de casa, sem ao menos
 12 saber dos seus problemas. **Isso** acaba transformando a pessoa que sofre esse tipo de
 13 agressão em um assassino, um maluco, um viciado. Acabando completamente com
 14 seus sonhos, sua vida, deixando apenas trauma e o vazio dentro do seu coração.

(Artigo de Opinião-07) (grifos nosso)

Na (linha 11) do Artigo de Opinião-07, a expressão referencial “essas pessoas” retoma os argumentos apresentados no texto e abre caminho para a conclusão, na qual o autor resume a porção textual dizendo: “Pessoas que não tem dignidade ou até mesmo respeito pelo próximo”, “a menor preocupação em praticar

esse tipo de violência”, “desejo de machucar profundamente as outras pessoas” (linhas 6-9). Além disso, conclui dizendo que os agressores “querem apenas atenção e por não conseguir, agridem”.

Dessa forma, o autor encapsula, em um único sintagma, as várias informações, especificando a que tipo de pessoas ele está se referindo, ou seja, os agressores. Isso nos permite sua recuperação, que é reforçada pelo poder localizador do pronome demonstrativo “essas”, isso instrumentaliza o leitor no processo de localização no cotexto discursivo da proposição encapsulada.

4.3 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS NA PRODUÇÃO TEXTUAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

Como vimos ao longo do estudo, o encapsulamento anafórico é um mecanismo de referência que pode resumir ou sumarizar porções textuais fazendo remissão a elementos do cotexto discursivo, mas sem ter um antecedente específico. Observamos que esse processo não ocorre na base da neutralidade, como bem notou Ciulla e Silva (2008), pois são forjados nas interações comunicativas, suscitadas por elementos presentes na dinâmica discursiva.

Conforme podemos perceber nos textos analisados, as anáforas encapsuladoras aparecem em início de frases, de tópicos discursivos e de parágrafo do texto (CONTE, 2003). Sendo assim, elas funcionam como recurso de organização tópica, pois permitem a recuperação de argumentos e indicam caminhos para sua interpretação, e, ao mesmo tempo, essa recuperação permite que informações/argumentos novos sejam alocados ao encapsulador. Dessa forma, são usadas para conectar e para organizar sintaticamente o discurso, possibilitando sua progressão, uma vez que cumpre as funções de avaliar e integrar as ideias do texto, ou seja, permite o desenvolvimento da argumentação nos textos.

Outro ponto a se destacar é o fato de que, na maioria dos textos analisados, a anáfora encapsuladora tem, como base de formação, pronomes demonstrativos. O uso desse tipo de referentes permite ao leitor a identificação da porção encapsulada.

Para Ciulla e Silva (2008, p. 77), a “preferência pelo demonstrativo traz consequências significativas à interpretação”, sabemos que esse papel não é exclusivo dos demonstrativos, mas de todos os tipos de expressão referenciais.

Podemos comprovar esse fato nos textos de opinião que serviram de *corpus* para nossa pesquisa. A nosso ver, isso se deve ao fato de os alunos terem um contato maior com esses tipos de referentes e de a abordagem do processo de referenciação na escola ser voltada para a perspectiva não discursiva, mas como elementos isoláveis no texto. Temos em mente que não só a expressão referencial formada por sintagmas nominais tem poder avaliativo, pois assim também são os pronomes demonstrativos. Cabe ao produtor do texto selecionar a forma mais apropriada para evidenciar seus propósitos comunicativos, pois é ela que contribui de forma efetiva para que as produções escritas não seja um amontoado de frases soltas e sem sentido.

Assim, as funções discursivas das AE permitem que as partes do texto de opinião se apresentem bem desenvolvidas (introdução, desenvolvimento e conclusão), pois seu uso garante a evolução dos tópicos discursivos. Vejamos, a seguir, um exemplo do nosso *corpus*:

QUADRO 6: Estrutura composicional do artigo de opinião.

TEMA	Bullying na escola: violência ou simples brincadeira
TESE	Bullying, é uma falta de respeito com as pessoas, fico indignado com essa ação tão covarde.
ARGUMENTO 1	Tudo bem que nem sempre quem tá praticando bullying se toca disso , mais na realidade é bem ao contrario, pois muitas pessoas sentem prazer em humilhar outra pessoa só porque ela a acha diferente.
ARGUMENTO 2	Isso é feio, muito feio, prisão perpetua para a pessoa que faz uma estupidez é pouco.
ARGUMENTO 3	Por isso , merecem sentir na pele quanto é ruim ser humilhado por pessoas sem um pouquinho se quer de caráter, de com paixão ao próximo.
CONCLUSÃO	Tente mudar essa situação não pratique bullying, e denuncie quem pratica.

Fonte: Artigo de Opinião-05.

No exemplo acima, essa marcação do tópico discursivo é evidenciada, pois as AE, ao passo que recuperam argumentos anteriores, abrem espaço à colocação de argumentos que ratificam a tese defendida pelo autor: “*bullying* é uma falta de respeito com as pessoas, uma ação tão covarde” (Artigo de Opinião-05), portanto, uma violência.

No segundo argumento, o autor diz que quem pratica não tem essa consciência, pois agridem os outros por prazer, considerando essa atitude uma estupidez, e os agressores pessoas sem “caráter” e “sem compaixão”.

Ele conclui o texto ratificando a tese, dizendo que devemos mudar “essa situação” não praticar o *bullying* e denunciar “quem pratica”. Sendo assim, podemos perceber, pela demarcação tópica, a estrutura composicional do gênero em estudo. Ou seja, a AE exerce funções que se desenvolvem simultaneamente, pois ao passo que organiza, permite a interpretação das porções precedentes e abre espaço para a introdução de novos argumentos.

Para Ciulla e Silva (2008), essas funções não são isoláveis, pois elas constroem-se no discurso. Partindo desse princípio, agrupamos as funções que as anáforas encapsuladoras desempenham no discurso separadamente, apenas por uma questão analítica, mas não desconsiderando o caráter múltiplo dessas funções apontadas pela autora. No quadro abaixo, sintetizamos as funções observadas no gênero artigo de opinião produzido no contexto escolar, por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental no município de Potiretama.

QUADRO 7: Funções e subfunções discursivas das anáforas encapsuladoras.

FUNÇÕES	SUBFUNÇÕES
ORGANIZAÇÃO DAS PARTES DO TEXTO	<ul style="list-style-type: none"> • Inauguram tópicos • Integram tópicos • Encerram tópicos • Antecipam informações
INTRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES / ARGUMENTOS NOVOS	<ul style="list-style-type: none"> • Atualizam conhecimento • Especificam uma sequência • Fornecem um viés argumentativo • Localizar a porção encapsulada

Fonte: *corpus* de pesquisa.

Todas essas funções foram apontadas por Ciulla e Silva (2008) e comprovadas ao longo de nosso estudo. Ciulla e Silva (2008) ressalta ainda que as funções de avaliação, integração semântica e hipostasiação, apontadas por Conte (2003), complementam as de organização. Esse caráter heterogêneo é próprio das expressões referenciais, de modo geral, aqui, incluímos as AE, por manterem certa subjetividade, que é desencadeada pelo processo de interação no qual esses objetos de discurso se constroem e reconstroem. Sendo assim, esses referentes trazem uma carga semântica que influencia em sua recuperação e interpretação.

Enfim, o papel discursivo das anáforas encapsuladoras consiste não apenas em localizar uma porção textual, mas organizar a estrutura discursiva e contribuir para o projeto de sentido que o autor tem em mente ao produzir um texto. Essa organização se dá por meio de uma cooperação semântica entre os sujeitos da interlocução autor/leitor, possibilitada pela utilização desse mecanismo de referenciação, pois conduz a recuperação de porções encapsuladas, favorece a interpretação dessas informações, evidenciando o ponto de vista defendido no texto de opinião.

4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste estudo, realizamos uma pesquisa qualitativa sobre o funcionamento da AE através do exame do gênero textual artigo de opinião. Nossa análise evidencia que, em todos os casos analisados, a anáfora em estudo manteve sua característica básica: sintetizar/encapsular porções textuais sem um referente pontual por meio de um sintagma nominal ou pronominal. Isso nos permite reconhecer no *corpus* analisado, embora não seja novidade na literatura, o papel dessa anáfora na organização do texto e na construção da compreensão do texto, pois, ao mesmo tempo em que sumariza informação, a AE dá início a novos segmentos textuais, constituindo assim novo objeto-de-discurso.

Além desse papel da anáfora, podemos dizer, com base em nossas investigações, que o uso dessa estratégia oferece uma orientação argumentativa, construída a partir da escolha das expressões referenciais que formam os encapsulamentos, que, como bem colocam estudiosos da área, nunca será uma escolha neutra, seja o seu núcleo um pronome ou um sintagma. Sendo assim, ela

mantem um viés argumentativo presente no processo de produção do gênero em estudo, oferece meios para a construção do sentido, expressa o ponto de vista do autor/produtor.

Considerando que o produtor de um texto, seja de qualquer gênero, ao produzir um texto, terá em mente um projeto de dizer, assim, a AE oferece pistas ao leitor para que ele recupere, relacione ou construa novos sentidos a partir do uso de expressões referenciais das mais variadas. Nesse processo, destaca-se a capacidade avaliativa dessas expressões, que, embora não signifiquem por si só, estabelecem relações explícitas ou implícitas de sentido com os demais elementos linguísticos presente na materialidade do texto.

Observamos também que a anáfora encapsuladora contribui para a leitura e compreensão do texto na medida em que resume ideias/argumentos por meio de uma expressão, permitindo ao leitor recuperar e relacionar essas ideias com as informações dadas presentes na memória com as novas informações. Isso favorece a progressão do texto, uma vez que essa rede interativa de informações é o ponto a partir do qual o leitor constrói os sentidos possíveis. Essa relação faz com que o texto não seja um amontoado de frases aleatórias, mas um complexo de escolhas que servem a um propósito comunicativo.

Dessa forma, durante as análises, foi possível observar que, ao produzir um texto, o aluno faz uso das mais variadas estratégias para deixar pistas para que o leitor possa interagir com o texto como o uso de anáforas encapsuladoras formadas por pronome na sua grande maioria. E a partir dessa interação, construir sentido compatível com a intenção apresentada pelo autor. Nessa interação, leitor e produtor assumem uma postura ativa, ou seja, o leitor concorda ou discorda, complementa, relaciona as ideias do autor com seus conhecimentos, compreende e constrói novos significados.

Nesse contexto, com base em nossa investigação, podemos dizer que esse tipo de anáfora se configura como um elemento que permite tornar mais significativo o processo de produção textual, pois amplia os horizontes de compreensão e colabora para a apropriação dos conhecimentos linguísticos necessários a formação do aluno, enquanto produtor. Sendo assim, entender o

funcionamento da AE na dinâmica textual deixa de ser apenas reconhecer a substituição de uma expressão por outra, passando a fazer parte desse processo como elemento que permite a construção do sentido a partir de diferentes objetos de discurso.

Constatamos que o conhecimento do papel/função das AE no processo de produção textual auxilia o aluno em seu desempenho, pois, através de seu estudo e abordagem em sala de aula, podemos demonstrar que o uso dessa estratégia de referência nas produções escritas permite ao aluno reconhecer em situações reais os fenômenos linguísticos, como o da AE. É proporcionar o entendimento de como um texto se organiza em sua materialidade e como podemos utilizar os recursos linguísticos em favor do processo de produção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esta dissertação que tem como título “Anáfora Encapsuladora na Produção Textual do Gênero Artigo de Opinião”, gostaríamos de brevemente relatar algumas considerações sobre a pesquisa desenvolvida de maneira teórica e prática. No momento, compreendemos que muitas das indagações iniciais foram esclarecidas, e que o objetivo principal foi consolidado a partir das análises realizadas com alunos do 9º ano, e estudos feitos dentro de conceitos bibliográficos, concluindo satisfatoriamente as análises dos processos de referenciação que fundamentam anáfora encapsuladora na produção textual do gênero artigo de opinião no contexto escolar.

Dessa forma, teorizamos a respeito do processo de referenciação e os conceitos principais para uma abordagem discursiva dos mesmos. Para tanto, demos destaque as teorias e ideias que convergem para esse entendimento. Destacamos, ainda, o funcionamento da anáfora encapsuladora como um recurso que expressa a argumentatividade e o ponto de vista do autor muito presente no gênero analisado. Mostramos que as escolhas dos referentes que compõem a anáfora encapsuladora não só têm o objetivo de sumarizar partes do texto, mas de acentuar as relações de sentido que são criadas e recriadas por meio desses referentes na dinâmica discursiva.

De posse dos dados, podemos dizer que a questão do processo de referenciação no texto de opinião mostrou-se muito significativa, a nosso ver, para que o leitor possa recuperar o percurso argumentativo proposto, pois, o efeito de sentido que as anáforas encapsuladoras causam na dinâmica discursiva é evidente, percebemos que esse processo é interativo, entre produtor e leitor, contribuindo para produção, interpretação e compreensão do texto, exercendo funções que permitem organizar, introduzir e avaliar os argumentos, e, conseqüentemente, construir o sentido.

Analisamos as ocorrências da anáfora encapsuladora tendo como base as funções apontadas por Ciulla e Silva (2008): organização das partes, introdução de informações e mudança de foco. Podemos constatar que as estratégias mais utilizadas para compor a expressão referencial encapsuladora foram: o uso de

pronomes demonstrativos com percentual de 60,72%; seguido pelo uso de sintagmas nominais, 14,28%; por fim, outro uso identificado foi à utilização de dêiticos na ordem de 25%, consideramos os dêiticos porque permitem ao leitor a localização da porção textual encapsulada no universo discursivo.

A ênfase colocada sobre a questão discursiva na análise das anáforas encapsuladoras favorece a compreensão e o desenvolvimento dos tópicos, levando o leitor a se esforçar para recuperar as porções textuais encapsuladas no universo discursivo. A escolha do tipo de encapsulador também influencia na interpretação, na recuperação do ponto de vista defendido no processo argumentativo do artigo de opinião escolar. Isso contribui de forma efetiva para o desenvolvimento das capacidades escritora/leitora de forma interativa, sendo que isso envolve realizações discursivas e cognitivas, tendo em mente que o “propósito comunicativo tem influência nas interpretações que se faz sobre as funções discursivas dos processos referenciais” (CIULLA E SILVA, 2008, p. 194) e estas são influenciadas por fatores linguísticos presentes no discurso.

De modo especial, concluímos que a abordagem e o estudo da anáfora encapsuladora contribui muito para a atividade de produção textual, pois, permite ao aluno durante o processo de produção relacionar o conhecimento linguístico e social numa perspectiva do uso desses conhecimentos voltados para a situação de aprendizagem como um trabalho complexo de interações que exige, dos sujeitos envolvidos, a mobilização de meios para vencer a visão limitada ao produzir um texto de que não devemos considerar apenas os aspectos gramaticais. Mas, ampliar essa visão por meio de uma reflexão sobre o processo de escrita que possibilite ao aluno articular conhecimentos e competências nas mais diversas situações de comunicação.

Vimos, ainda, que a pesquisa desenvolvida no contexto escolar sinaliza para outras investigações no mesmo rumo: investigar como professores, especialmente os de Língua Portuguesa, lidam com a questão da referenciação, confrontando os resultados com a perspectiva de que é uma construção discursiva, demonstrando quais as práticas presentes na escola; analisar como essa questão se desenvolve nos manuais didáticos, verificando como isso influencia na apropriação desses conhecimentos; desenvolver esse processo voltado para a construção

discursiva, contribuindo para que o aluno se aproprie dos gêneros discursivos que circulam socialmente.

Com a análise dos artigos de opinião produzidos pelos alunos na escola, buscamos relacionar teoria e prática, e acreditamos ter demonstrado que, no processo de produção textual, o encapsulamento anafórico é uma estratégia de referenciação que confere maior organicidade aos tópicos discursivos, e os alunos, apesar de trabalharem com diferentes estratégias de referenciação, no caso, o uso da anáfora encapsuladora, demonstram dificuldades/limitações tais como: a falta de experiência dos alunos como produtores; conhecimento limitado, tanto da estrutura composicional desse gênero, como também dos recursos linguísticos que podem fazer uso para produzir um texto.

Tais dificuldades, para nós, se devem à abordagem dada pelas gramáticas tradicionais, pelos livros didáticos e até mesmo pelos professores de Língua Portuguesa, pois tratam os elementos de referenciação como meros elos, sem ressaltar o papel que esses elementos desempenham na semântica dos textos, ao mesmo tempo em que ligam as ideias secundárias de forma coesa, relaciona-as coerentemente e enfatizando as ideias e os efeitos de sentido pretendidos pelo autor.

Ao final de nossas observações, destacamos o sentimento de que, cada vez mais, o nosso trabalho, enquanto professor de língua deve ser o de orientar nossos alunos a refletir de forma crítica sobre as inúmeras possibilidades de expressão, para além da memorização de regras. O trabalho em sala de aula deve oferecer meios para ampliar os conhecimentos linguísticos e possibilitar situações nas quais os alunos possam agir de forma ativa na construção desses conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In. _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 277-326.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental– Língua Portuguesa. Brasília: **SEF/MEC**, 1998

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos referenciais e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. 206f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 175-190.

CORTEZ, S. L. Referenciação e ponto de vista: constituição de instâncias discursivas para a orientação argumentativa na crônica de ficção. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 317-338.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. G. B. B., A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **D.E.L.T.A.**, v. 14, número especial, p. 169-190, 1998.

_____. **Introdução a Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins, 2004.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Como se constroem e reconstroem os objetos de discurso. Universidade Estadual de Campinas/CNPq, 2008.

_____.Referenciação e orientação argumentativa. In:KOCH, I.V. BENTES, A. C. (Orgs).**Referenciação e discurso**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH. I. G. V.; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (Orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

_____. **Produção textual, análise e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In. CAVALCANTE, M. M; BIASI-RODRIGUES, B; CIULLA E SILVA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

RIBEIRO, D. A. E. Levantamento lexical dos encapsuladores utilizados nas redações de alunos do pré-vestibular. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 14., 2010. **Cadernos do CNLF**, v. 14, n. 4, t. 3, 2010, p. 2781-2808.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. ([1997] 2004). “Os gêneros escolares - das práticas de linguagem aos objetos de ensino”. In: Schneuwly, Bernard & Dolz, Joaquim **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras.

ZAMPONI, G. Estratégias de construção da referencia no gênero de popularização da ciência. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 169-195.

ANEXOS

